



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

MESSIAS DOUGLAS COELHO PESSOA

**PADARIA ESPIRITUAL: CULTURA POPULAR, MEMÓRIA E “UNS
PILINTRAS” EM FORTALEZA NO FINAL DO SÉCULO XIX**

**FORTALEZA
2016**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

P567p Pessoa, Messias Douglas Coelho.

Padaria espiritual: cultura popular, memória e “uns pilintras” em Fortaleza no final do século XIX. / Messias Douglas Coelho Pessoa. – Fortaleza, 2016.

51 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

Inclui |figuras e referências.

1. Fortaleza (CE) - História. I. Título.

CDD 981.31



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

MESSIAS DOUGLAS COELHO PESSOA

**PADARIA ESPIRITUAL: CULTURA POPULAR, MEMÓRIA E “UNS
PILINTRAS” EM FORTALEZA NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades. Sob orientação do Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

**FORTALEZA
2016**

AGRADECIMENTOS

A pesquisa inteiramente foi pensada como um verdadeiro presente à minha cidade natal, Fortaleza, feita com minha inteira atenção e dedicação exclusiva sob a atenciosa orientação do Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza, do qual também agradeço pelo empenho e atenção. Meus pais, Angela Maria e José Wilson, os meus maiores patrocinadores da minha vida acadêmica, por ouvirem longos comentários sobre os conteúdos dos quais abordo na pesquisa. Minha companheira, Virlene Kelly, por ouvir diariamente sobre a caminhada que foi desenvolver tal trabalho, e presenciar minha animação de acordo com que este estava a tomar forma durante o desenrolar do curso de Bacharelado em Humanidades.

Agradeço também a todos os professores que ajudaram no início da minha carreira acadêmica, parecia difícil morar em Fortaleza e estudar em Acarape/Redenção, porém, graças a eles consegui forças suficientes para todo meio de tarde ir, e saber que valeria a pena todo aquele esforço, sabendo que lá encontraria verdadeiros amigos para compartilhar diversos momentos e diálogos, e aprender com eles também fora do ambiente acadêmico, amigos estes que a começar pelo meu orientador, Edson Holanda, segue com Violeta Holanda, Gledson Ribeiro, Ivan Maia, Fábio Baqueiro, Edson Borges, Cadu, Vitor Macedo e Carla Susana, nomes estes que ficarão na minha memória como pessoas maravilhosas, que além de professores, são verdadeiras inspirações para seguir carreira acadêmica.

Meus amigos também foram fundamentais neste processo que se inicia com o final do primeiro ciclo de humanidades, a paciência destes com meus egoísmos e sinceridade, alguns estão ainda na UNILAB, outros seguiram rotas diferentes para se encontrar quem sabe no mesmo destino, nomes como Magla Holanda, Ana Cristina, Ana Maria, Cesar Chagas e Mamadu, pessoas importantes que me apoiaram na caminhada que começa agora.

Padaria Espiritual: Cultura Popular, Memória e “uns pilintras” em Fortaleza no final do Século XIX

RESUMO

A pesquisa tem o objetivo de abordar a cidade de Fortaleza no fim do século XIX em diversos aspectos, parte do plano global para o local, problematizando primeiramente o Brasil naquele período de grandes mudanças, compreendido como *Belle Époque*. A ciência, as teorias vigentes, os embates culturais, a arquitetura e as artes tinham como modelo Paris ou o principal laboratório nacional no processo de adequação aos novos moldes ditos civilizatórios, a cidade do Rio de Janeiro. Outras cidades seguiram as mesmas matrizes eurocêntricas, entre várias delas, meu foco é a cidade de Fortaleza, no Ceará, onde diversas teorias científicas chegaram alimentando intelectualmente a elite cearense. A partir disso, assim como no Rio de Janeiro e em Paris, uma série de reformulações urbanas foram esboçadas na capital da *Terra da Luz*. Nem as grandes secas foram capazes de interromper o aformoseamento de Fortaleza, novos aparelhos e obras públicas (Passeio Público, praças, ferrovia, calçamento de ruas, etc.) foram construídos graças à mão de obra de retirantes da seca de 1877 e nas posteriores. O movimento civilizatório foi além dos novos aparelhos inaugurados, no campo dos costumes, a cultura popular foi alvo de condenação e tentativas de enquadramento. Perspectiva legitimada pela maioria dos grupos da elite letrada, através de grêmios literários e seus meios de divulgação, com destaque para os jornais e revistas. O grupo abordado possuiu uma posição crítica a respeito da modernidade que rondava Fortaleza em fins do século XIX, a *Padaria Espiritual*, agremiação que em seu estatuto critica entre outras instituições a polícia, a igreja e os hábitos burgueses. A pesquisa analisa o periódico produzido pelos Padeiros, *O Pão*, entre diversas leituras possíveis, observa os embates em tono da cultura musical e da depreciação ou defesa de festividades e práticas culturais das camadas populares em Fortaleza em meados da década de 1890.

Palavras chave: *Belle Époque*; Fortaleza; Padaria Espiritual, Cultura Popular

*Dedico este trabalho a todos que lutam pela
preservação da memória de Fortaleza e o
estado do Ceará.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
CAPÍTULO I: O BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉC. XIX E INÍCIO DO XX: CENÁRIO POLÍTICO, SOCIAL E LITERÁRIO.....	11
CAPÍTULO II:O CEARÁ E A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.....	17
2.1. O universo letrado presente no Ceará	25
2.2. Expressões musicais e a cultura na Terra da Luz	28
CAPÍTULO III:A PADARIA ESPIRITUAL E O PÃO LEGÍVEL.....	31
3.1. <i>O Pão</i>, a crítica irreverente na Terra da Luz: A primeira fase da Padaria.	33
3.2. <i>O Pão</i>, a prosa, poesia e seriedade na terra da luz: A segunda fase da Padaria... 	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
FONTES	49

APRESENTAÇÃO

O trabalho parte de questionamentos aos conceitos de cultura, modernização e dominação propostos pela *Belle Époque* em várias cidades do Brasil durante o decorrer do Séc. XIX até início da virada do Séc. XX.

O que torna o movimento a ser abordado interessante é ver o processo civilizatório de uma forma crítica ainda no Séc. XIX, através da Padaria Espiritual¹ e de seus membros, os chamados padeiros, que buscavam a valorização da cultura local, utilizando a língua materna “*É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula*”². Vale lembrar que o período em questão era conhecido como a *Belle Époque*³ do qual a tendência era se aproximar do modo de vida da capital da francofonia em vários aspectos culturais. O que houve, então, foi um verdadeiro processo de assimilação no Brasil, ao ponto de se tornar comum ouvir fonemas e palavras de línguas estrangeiras.

Percebo a língua como parte da cultura, representa uma “abertura característica do homem e uma abertura para o mundo: não uma faculdade distinguível ou instrumental, mas constitutiva.” (WILLIAMS, 1979, p. 30). Portanto, a língua quando é negada em um país, há uma rejeição de uma história por trás dela, história essa talvez negada em nome de uma afirmação de uma construção supostamente superior, ocasionalmente uma língua superior. O processo civilizatório possuía a característica de usar palavras da língua francesa gerando um fato social que influenciou fortemente a sociedade na época. A língua portuguesa, mesmo que esta seja herdada de um outro país, é considerada então como suporte da nossa cultura por carregar sua história, que reflete um período de uma ex-colônia portuguesa, logo a mesma não é algo ancestral às terras tupiniquins, porém ainda sim é parte de nossa cultura mesmo que de uma forma forçada “A língua que falamos mostra de onde somos. É, de certa forma, um atestado e nossa identidade.” (CARDOSO, 2012, p. 5)

Na capital cearense, desde o final do século XIX, uma parcela da elite local abriu mão progressivamente da língua portuguesa em nome de um processo civilizatório, embora

1 A Padaria Espiritual foi uma agremiação irreverente composta por rapazes de letras e artes reunidos em Fortaleza pelos anos de 1892-1896, sob a liderança de Antônio Salles, o grupo foi diferente de todos os grupos presentes na terra da luz pois seus posicionamentos e atitudes divergiam do que era dito como civilizado no final do Séc. XIX.

2 Artigo 14 do programa de instalação da Padaria Espiritual (Breve História da Padaria Espiritual, Sânzio de Azevedo, 2011, pág. 24)

3 *Belle Époque*, termo francês que foi usado para traduzir a euforia europeia com as novidades extasiantes decorrentes da revolução científico-tecnológica.

movimentos, como a Padaria Espiritual, tenham negado elementos da suposta modernização que seguiam para além dos costumes.

A partir de experiências pessoais, pude ter os primeiros contatos com o movimento em questão, através de histórias de que no Ceará existiu um movimento de valorização da nossa cultura local em pleno séc. XIX, em oposição ao processo gradativamente de perda da identidade pautada por matrizes afro-indígenas através da *Belle Époque*. Tal agremiação se fez presente no Ceará nos moldes modernistas dos quais foram apresentados anos mais tarde, e o conteúdo cômico de suas publicações me faz entender que a mesma foi “uma das mais originais agremiações do Ceará e talvez do Brasil” (AZEVEDO, 1976, p.137) ou seja, os cearenses deveriam saber mais da Padaria Espiritual.

Uma das motivações também foi a temática proposta pela X Bienal do Livro do Ceará⁴, em 2012, cujo tema seria justamente o grêmio do final do Séc. XIX. No evento, os espaços do Centro de Eventos do Ceará levaram os nomes dos integrantes do grupo literário, gerando assim, maior curiosidade a respeito do grêmio, que foi apresentado de diversas formas, pesquisadores foram homenageados e tiveram falas a respeito da agremiação. Anos mais tarde pude ter contato com uma das pessoas cuja a convivência com ela trouxe maior interesse sobre a Padaria Espiritual: o professor e pesquisador Gleudson Passos, através de um curso de História da Arte na Escola de Formação e Criação Porto Iracema, que disponibilizou digitalmente para a turma o seu livro publicado pelo Museu do Ceará, feito a partir de sua dissertação de mestrado, em que aborda justamente a agremiação da Padaria Espiritual⁵.

A partir do desenvolvimento do curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional Luso-Afro Brasileira (UNILAB) e sob a orientação do professor Dr. Edson Holanda, me motivei a elaborar um trabalho em uma instituição de ensino internacional unida pela língua portuguesa, que acompanha no nome o termo de lusofonia. Neste trabalho, devo apresentar e problematizar um grupo literário e uma história local que não é comum ser contada em escolas do estado do Ceará, e que é também ausente da história oficial da nossa literatura nacional, e cabe a nós pesquisadores desvendar a amplitude deste movimento que adianto desde já: vai além da literatura.

A motivação pessoal para a elaboração da pesquisa era ter também o conhecimento do processo de formação da cidade de Fortaleza, e do Ceará, dos lugares, espaços dos quais hoje são memórias vivas de um passado que ainda se faz em parte presente, de uma cidade que

4 A X Bienal do Livro do Ceará, ocorreu em novembro de 2012 e teve o tema Padaria Espiritual devido ao aniversário de 120 anos do grupo de Letras e Artes.

5 Cardoso, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. Vol. 8. Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

abraça com seus espaços e novas obras, e ao mesmo tempo ainda segrega e filtra espacialmente os frequentadores dos mesmos espaços urbanos, que direciona o “novo” para um lado, que segue um pensamento de que o velho, mesmo carregado de toda sua história, deve ser destruído para dar lugar ao novo, e que além de tudo, parte da elite tem repulsa pela cultura popular, mesmo que uma parcela desta seja responsável pela preservação das expressões originárias de classes menos abastadas.

A história sempre remete a um processo de embate de memórias. Através da documentação podemos problematizar a construção de uma identidade nacional e regional, que parte de experiências socioculturais e que passam a trilhar caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentaram (Laraia, 1986, p.84). Compreendo então que toda cultura é resultado de experiências histórico-sociais, estudar a cultura através da história é então, entender tais eventos e o que influenciou para tais produções, sejam as obras literárias nacionais ou a arquitetura de prédios no centro de Fortaleza, fundamentais para a compreensão e formação do mundo contemporâneo tanto nos seus cenários regionais e globais.

Civilização, entende-se como instrumento de dominação, “a noção de civilizar, como sendo absorção dos homens por uma organização social” (WILLIAMS, 1979, p.19) é a justificativa para as missões civilizadoras das classes e regiões supostamente dominantes, desde ações teoricamente simples no julgamento social, como ouvir apenas músicas norte-americanas e britânicas, até mesmo ações mais graves, pautadas em um evolucionismo e darwinismo social do qual até o século passado considerou a cultura desconhecida como inferior com o objetivo⁶ de legitimar uma dominação sobre povos.

Algumas ciências sociais se pautavam na criação de teorias para justificar a hierarquização das diferenças, a exemplo da canção Sampa de Caetano Veloso “É que Narciso acha feio, o que não é espelho”, criando assim uma comparação com a canção que utiliza o personagem da mitologia grega, conhecido pela paixão exacerbada por si mesmo, levando tais pontos da obra para uma cultura ou nação supostamente dominante, o que não é igual a ela acaba se tornando feio, inferior e então caberia uma adequação ao processo civilizatório para “evoluir” povos e nações tidas como inferiores.

Nem sempre precisamos recorrer a longos textos acadêmicos para perceber tais atitudes de hierarquização do diferente, no cinema, por exemplo, quando retratam algum

⁶ Projeto este então na conferência de Berlim a partilha do continente africano, o que ficou conhecido como o neocolonialismo ou imperialismo que para os dominantes seriam missões civilizatórias para uma raça que para eles era tida como inferior por não ter o conhecimento da complexidade da mesma.

continente de cultura diversificada, utilizam os mesmos artifícios para diminuir a cultura alheia, identificando-a na forma de barbárie e selvageria do modo de viver de tais povos. As produções culturais mostram também o outro lugar onde a cultura é “mais evoluída”, para criar sempre o tom de inferiorização, e diferenciação em relação aos demais.

A pesquisa historiográfica aborda as ações do homem no tempo, seguindo métodos científicos, enquanto a literatura, parte de uma interação mais subjetiva, é um “produto artístico destinado a agradar e comover” então “seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade” ou seja, a literatura vai além do que se está sendo observado, um vir-a-ser. A partir deste mundo de possibilidades criados pelo artista da época, percebemos que a arte literária “é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.” (SEVCENKO, 1995, p. 20-21). Um dos fatos interessantes da pesquisa é o ativismo por parte dos artistas, fruto de leituras das tendências científicas da época, os escritores fizeram o máximo para interferir na vida social e política, em âmbito nacional e regional, tendo em vista que a maioria de suas produções eram em jornais, onde pode se perceber a importância da imprensa aliada à literatura nesta construção da realidade, é comum que um periódico não se limite aos fatos, divulgando uma grande quantidade de possibilidades embuçados de crônicas, narrativas, novelas e etc.

Além de revisão bibliográfica sobre o tema, realizei pesquisas em edições do periódico produzido pela Padaria Espiritual, chamado *O Pão*⁷, utilizando o site da Biblioteca Nacional Digital. Assim, o trabalho foi organizado visando gerar uma maior compreensão para quem ainda não conheceu o movimento da Padaria Espiritual, tendo em vista que a exposição de dados possui uma divisão articulada de uma escala geral para uma local, ou seja, do Brasil, Ceará e Fortaleza. No primeiro capítulo é feita a contextualização, e está presente o recorte histórico do cenário brasileiro de uma forma abrangente, tendo em vista o fato de que uma das motivações seria a adequação a valores supostamente civilizados.

O segundo capítulo aborda a cidade de Fortaleza na segunda metade do Séc. XIX, momento de modernização e aceleração econômica, urbana e populacional por conta de secas. Vale lembrar que neste trabalho também se faz a observação que o crescimento urbano só se fez graças a mão de obra dos retirantes, Frederico Castro Neves e Sebastião Rogério Ponte analisam como os trabalhadores retirantes foram de suma importância para a conclusão de

⁷ *O Pão da Padaria Espiritual* ou somente *O Pão* foi o jornal do qual os escritores da agremiação disseminavam suas ideias. As 36 edições foram produzidas em três anos, a primeira no ano de 1892 com seis edições, após uma pausa voltou a ser elaborada com diversas reformulações, em 1895, com mais trinta edições. Hoje, todas as edições estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional através do site <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>> último acesso em 02/11/2016.

espaços construídos na época, informações essas que ainda hoje recebem pouca importância, talvez porque seja mais interessante falar da elite frequentadora das praças do que quem as construiu. Também dialogo com pesquisas que nos ajudam a entender a cultura popular cearense no Séc. XIX, costumes, intelectuais da época e suas agremiações.

O terceiro capítulo segue com uma análise a respeito da Padaria Espiritual, observando a produção escrita dos padeiros em seu periódico, intitulado *O Pão*, que serviu como fonte primária para a pesquisa. O presente trabalho também está composto de fontes e referências obtidas a partir de estudos de pesquisadores locais, como Gleudson Passos Cardoso. Sânzio de Azevedo, hoje membro da Academia Cearense de Letras (ACL), foi importante para a pesquisa, a partir de leituras feitas em publicações de seus textos feitos para a própria ACL, abrigados no site da entidade⁸ e em livros como “Breve História da Padaria Espiritual”, deste compartilho ideologicamente o fato dos padeiros estarem à frente de seu tempo em seus anseios modernistas que vieram a se fazer presente trinta anos depois, em São Paulo. Ressalto ainda que os membros da Padaria Espiritual, os padeiros, eram antes de artistas, homens do mundo, tendo em vista que sua produção na agremiação é ampla de um entendimento do universo que os rodeia (BAUDELAIRE, 1996).

8 Academia Cearense de Letras – Site Oficial – Os Acadêmicos de Ontem
<http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/index_revistas.html> Acesso em 21/09/2016

CAPÍTULO I: O BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉC. XIX E INÍCIO DO XX: CENÁRIO POLÍTICO, SOCIAL E LITERÁRIO.

Durante o Séc. XIX, o Brasil sofreu diversas mudanças e uma delas foi a mudança do modelo imperial para um modelo republicano, seguindo moldes positivistas que até hoje estampam a bandeira nacional do Brasil. Dentre tais mudanças, na segunda metade do Século XIX, em diversas cidades houve um alvoroço social causado pela *Belle Époque*, tendo como exemplo a cidade do Rio de Janeiro, capital do império e da república.

Por outro lado, foi um período de inúmeras revoltas. Em uma breve contextualização enumerei de forma sintética alguns acontecimentos e características que marcaram o contexto no quadro nacional, partindo da questão cultural até as inovações pseudocientíficas de cunho eugenistas propostas pela escola de Nina Rodrigues e os “Homens de Ciencia” (Lillian Schwartz, 1993) que causaram impactos significativos nas políticas sanitaristas direcionadas às populações mais pobres e aos retirantes das secas, temas que serão retratados no próximo capítulo.

Não teria como falar do Século XIX sem entender o que impulsionou tamanho desenvolvimento da ciência no período em questão, pois foi a partir da chegada da corte portuguesa à antiga América portuguesa, que a sociedade pôde presenciar diversas mudanças estruturais feitas sistematicamente, uma delas é o desenvolvimento da ciência e cultura erudita, que para eles representariam um “banho de civilização” com a criação de novas instituições, como o Museu Real, a Imprensa Régia, o Real Horto, a Biblioteca Real, fazendo com que a então colônia fosse uma reprodutora da história e dos costumes da monarquia lusófona além de já ser a sede provisória da monarquia.

Após a independência ainda não havia “uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras” (GUIMARÃES, 1988, p. 6), compreende-se então que a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) fez com que sua produção fosse sobretudo voltada para a criação de uma identidade nacional e obviamente a partir dos atores do próprio instituto, essa identidade nacional foi criada então sob o olhar de intelectuais pertencentes às elites nacionais. A partir disso, apesar de se situar no pós independência, a produção historiográfica brasileira parte de um processo peculiar “A construção da ideia de Nação não se assenta sobre uma oposição à antiga metrópole portuguesa; muito ao contrário, a nova Nação brasileira se reconhece enquanto continuadora de uma certa tarefa civilizadora

iniciada pela colonização portuguesa” (GUIMARÃES, 1988, p. 6) a partir disso, as elites nacionais adotariam o discurso de que a identidade brasileira teria em seus fundamentos a herança da colonização portuguesa.

A partir do desenrolar do Séc. XIX houve a adoção dos discursos evolucionistas que causaram alvoroço no continente europeu, e ainda mais ao terem sido levados para o campo social. Estudos elaborados em animais, foram adotados para explicar as teorias de “raças humanas”, hierarquizando raças a partir de diferenças biológicas. No Brasil, todos estes discursos chegaram a fim de “domesticar” e “civilizar” as classes menos abastadas e os mestiços, adotou então um discurso de justificação de mazelas a partir diferenças meramente biológicas, a produção científica brasileira tratava de esboçar um conceito de nação elitista que excluía da identidade nacional os que não fossem “portadores da noção de civilização: índios e negros” (GUIMARÃES, 1988, p. 7). Os intelectuais da época restringiram o civilizado e o nacional apenas a brancos, alguns ainda tratavam de produzir ciência para “explicar” para as elites o que tornaria o “não-civilizado” também em “não-evoluído” depreciando costumeiramente. Tudo isso sob o conceito de Nação que hierarquizava os povos em vez de integrar, trazendo uma marca excludente no projeto nacional que possui reflexos até os dias atuais.

Adotando uma espécie de “imperialismo interno”, o país passava de objeto a sujeito das explicações, ao mesmo tempo que se faziam das diferenças sociais variações sociais. Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos – “classes perigosas” a partir de então – nas palavras de Silvio Romero transformavam-se em “objetos de sciencia” (prefácio a Rodrigues 1933-1988). Era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades. (Bora e Oliveira apud Schwarz, 2008, p. 28)

O contexto em si foi de mudanças drásticas no campo político e social, duas das mais emblemáticas foi a mudança de império para república e a lei áurea. A segunda fez com que um dos países que mais utilizou a mão de obra escravizada mudasse sua forma de ver o trabalho. Porém, mesmo após o fim do regime escravista, a inserção dos negros na sociedade foi feita de forma deficiente, ao ponto de termos reflexos até hoje. O final do Séc. XIX presenciou o auge de teorias que pautavam a mistura de cor como um problema, um dos expoentes de tais teorias, que defendiam uma supremacia branca no Brasil, foi Nina Rodrigues. Vale lembrar que tais ideias foram recorrentes após o fim da escravidão, tendo em vista que a população negra era grande e para os eugenistas, a partir de uma tendência

determinista, as mesmas fariam com que o país fosse formado por um povo degenerado. Muito apoiado pelas faculdades de medicina de Bahia e Rio de Janeiro as teorias raciais foram introduzidas para condenar a miscigenação;

Na Bahia é raça, ou melhor, o cruzamento racial que explica a criminalidade, a loucura, a degeneração. Já para os médicos cariocas, o simples convívio das diferentes raças que imigraram para o país, com suas diferentes constituições físicas, é que seria o maior responsável pelas doenças, a causa de seu surgimento e o obstáculo à perfectibilidade biológica (Schwartz 1993 p.191)

Vale também lembrar que no Séc. XIX uma guerra foi travada no continente sul-americano: a guerra do Paraguai, em que o exército nacional saiu vitorioso e se fez visível o verdadeiro Brasil excluído da história oficial e que em grande parte era negro e mestiço. Partindo de um discurso científico vigente à época o exército brasileiro era composto predominantemente por seres de “raças inferiores” e um povo “degenerado” que curiosamente foram à guerra e venceram.

As mudanças durante o desenrolar do século foram bastante significativas, pois o país que entrou no Séc. XIX sendo uma colônia lusitana, ao final teve a oportunidade de experienciar uma total ruptura com a coroa portuguesa e a mudança para república, lembrando que mesmo independente, o Brasil teve como seu primeiro imperador, o filho do rei de Portugal, permitindo uma certa continuidade de tradições conhecidas do período colonial. Com a república, a ruptura poderia ser feita de uma forma mais eficiente e coesiva, e também uma interessante observação é de que a monarquia brasileira chegou ao ponto do qual era cercada por repúblicas no continente americano, sendo a única a possuir um Estado Imperial, sofrendo boicote das nações vizinhas.

O período pôde presenciar uma série de remodelações. Para apagar referências ao passado colonial e à escravidão foram demolidos vários casarões coloniais e imperiais do centro do Rio de Janeiro, que serviam de abrigo para as populações pobres que com as demolições tiveram que encontrar outros lugares para se concentrar. A capital da república seguia os moldes europeus de higienização e prevenção de doenças, uma das ações do Estado foi impor vacinas obrigatórias, buscando regenerar a cidade, e por extensão o país, na linguagem dos cronistas da época. Como parte desta remodelação do espaço público, a vida cotidiana e a mentalidade do Rio de Janeiro passaram a valorizar uma visão “civilizadora”. Os ideais da época eram contrários à cultura das classes mais pobres, mesmo em um contexto pós-escravidão, os ideais modernizadores faziam com que expressões populares também fossem

discriminadas e perseguidas fortemente nos anos seguintes pelos órgãos de repressão e controle: “Aparece, pois, como natural, a proibição das festas de Judas e do Bumba-meu-boi, os cerceamentos contra a festa da Glória e o combate policial a todas as formas de religiosidade popular: líderes messiânicos, curandeiros, feiticeiros etc...” (SEVCENKO, 1995, p. 30-33)

Os homens de letras da época apoiavam fortemente tais padrões que resultariam na desqualificação da cultura local e além disso, alguns autores não escondiam sua posição social e preconceito ao tratar de forma depreciativa o povo sertanejo e as sociedades tradicionais, a começar por Monteiro Lobato e a familiaridade com o movimento eugenista, do qual foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, refletindo em suas obras e personagens. Sobre o pessimismo pregado pela ciência vigente, a respeito da miscigenação no Brasil, o caso mais emblemático é o personagem Jeca Tatu, ao afirmar que o personagem por ser miscigenado e caboclo seria um ser degenerado, doente. A partir dos avanços médicos o discurso pôde ser mudado em 1918 “o jeca não é assim, está assim”

Pronunciada em 1918, essa sentença se tornaria célebre entre os brasileiros, uma vez que em anos anteriores (1914) o próprio escritor paulista havia estigmatizado o homem do interior como “inferior e parasitário”, um ser “incapaz de progresso e civilização (LOBATO apud SOUZA, 2012, p. 5)

Antes de Lobato, Olavo Bilac, personagem conhecido do parnasianismo brasileiro, disseminou também a imagem de um sertanejo desprovido de civilização. Em suas crônicas, algumas delas publicadas no periódico *A Bruxa*⁹, sob pseudônimo de Diabo Vesgo partia primeiramente de adjetivos depreciativos para apresentar à comunidade carioca Antônio Conselheiro, o líder do arraial de Canudos¹⁰, na Bahia, nordeste brasileiro.

O *Conselheiro* é (dizem-no todos) um fanático, um desequilibrado, um histérico. Em criança, tinha crises de epilepsia. Casou. A mãe dele desandou logo a ter conflitos, e bate-línguas, e troca de insultos ásperos com a nora. Entre as duas, Antônio *Conselheiro* penava, querendo em vão reconciliá-las. Um dia, desesperado, foi-se à velha: “Por que briga a senhora com minha mulher? que lhe fez ela? por que não a deixa em paz? (DIABO VESGO, 1896)¹¹”

9 *A Bruxa* foi um periódico que circulou no Rio de Janeiro nos anos de 1896 até 1897, Julião Machado e Olavo Bilac eram líderes do mesmo, o jornal possuía um tom irônico em suas crônicas das quais eram assinadas por Bilac com diversos pseudônimos. (Junior, 2015, p. 145)

10 Movimento Messiânico que ocorreu entre os anos de 1896-1897, no interior do estado da Bahia.

11 Crônica “Antônio Conselheiro” de Olavo Bilac, retirada do site da União Brasileira de Escritores RN, disponível em <<http://www.ubern.org.br/canal.php?codigo=407>> Acesso em 08/06/2016.

De acordo com que a região central carioca se aburguesava e se embelezava, também houve o crescimento populacional, o aumento dos preços dos aluguéis nas regiões onde essa modernização era mais intensa, foi uma forma de continuar a perseguição e expulsão dos mais pobres. Todas essas medidas vieram acompanhadas da disseminação de ideologia segregacionista pregada pela imprensa no período e fez com que os habitantes pertencentes às classes populares, moradores das regiões centrais, fossem expulsos e obrigados a ocupar morros da cidade do Rio de Janeiro. Todo esse discurso de exclusão veio com o interesse de tornar a região central uma área realmente pertencente às elites vigentes, empurrando para ocupar os morros os que, segundo Lobato, seriam incapazes de um progresso e civilização. Caso interessante foram as reflexões do cronista do Jornal do Comércio, que tornava clara a nova postura burguesa das elites brasileiras “Quando um selvagem aparece, é como um parente que nos envergonha” (apud SEVCENKO, 1995, p 35)

Durante o período da *Belle Époque* carioca, um movimento de defesa do belo foi criado para legitimar a “civilização” “essa mobilização tendia a repudiar hábitos, atitudes e valores que não se ajustassem à beleza requerida pelos novos tempos” (SILVA, 2010, p. 26), e ocasionou na expulsão das camadas mais populares das regiões de embelezamento da capital da república, a frente do movimento estiveram Olavo Bilac e Coelho Neto. Apesar de alguns intelectuais aderirem à ideia de embelezamento e remodelação do espaço sócio urbano, outros resistiram.

Os projetos de modernização foram além da estrutura das cidades e dos costumes sociais. A imposição de uma medicina social e a disseminação de teorias eugenistas no Brasil, fundadas meramente em aspectos biológicos para explicar as mazelas sociais e ainda ir mais longe, ao mostrar que os mesmos seriam desprovidos de progresso. O que se percebe no fim do Séc. XIX é um pessimismo intenso gerado pela presença de “raças inferiores” que não parou só na questão social, o pessimismo repercutia na questão cultural dessas “raças”, servindo para justificar a perseguição de expressões populares produzidas por classes menos abastadas e de cor. Tudo isso fez parte de uma tendência científica nacional que foi justificada e muito consumida por letrados de renome nacional, o que se pode perceber é que no contexto regional do Ceará, em Fortaleza não foi diferente .

O movimento civilizatório em prol de uma modernidade para a capital do antigo império contou também com críticos, que utilizavam a literatura como forma de disseminar suas ideias. Lima Barreto, mulato, nascido no Rio, analisava a modernização como uma “fonte de preconceito e superstições” (SEVCENKO, 1995, p.123) pois proporcionava uma

maior hierarquia social, a exemplo da reforma do ensino superior para os moldes comtianos, que para o mulato apenas criaria uma “casta privilegiada” que iria sempre desfrutar dos cargos do país. O autor de *O Triste fim de Policarpo Quaresma* teve embates com autoridades locais, sendo uma delas o barão do Rio Branco, ministro das relações exteriores em exercício, a quem o mulato acusava de envergonhar-se de mostrar os mulatos ao estrangeiro, disseminando assim o preconceito racial, ao exteriorizar apenas o Brasil como um país branco. O próprio movimento eugenista ganhou força durante os anos posteriores com Lobato e a Sociedade de Eugenia de São Paulo, que denunciava o mulato e o caboclo como os culpados pelos males do país.

Outros contemporâneos como Euclides da Cunha enchia os olhos de alegria ao deparar-se com a modernidade e não disfarçava o contentamento quanto a reforma do ensino superior que formaria uma elite mais intelectual nos moldes positivistas. Euclides da Cunha e Lima Barreto geravam contrastes quanto ao que ambos se alimentavam intelectualmente, enquanto Euclides seguia fortemente as tendências científicas positivistas vigentes na *Belle Époque*, Barreto seguia uma leitura que denunciava os novos tempos.

Aluizio de Azevedo também fez parte da voz dissonante à onda modernizadora nas letras brasileiras. Em sua obra *O Cortiço*, o autor deu atenção a quem nunca tinha aparecido antes nos livros brasileiros: moradores de rua, trabalhadores informais, capoeiristas, prostitutas, imigrantes e desempregados, mostrando que a *Belle Époque* não era tão bela como apresentada pelas elites. Em sua obra, Azevedo mostra a aproximação que o homem tem com um animal por exemplo, sendo ele então um bicho como qualquer outro dotado de instintos “os moradores do cortiço são reapresentados pelo viés biológico social, sendo estas duas esferas inseparáveis” (BAHIA, 2012, p. 250). Os personagens são retratados na obra de uma forma a gerar contrastes no leitor, visto que a sociedade era ampla e possuía todo tipo de gente.

CAPÍTULO II: O CEARÁ E A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

No cenário regional cearense também houve mudanças, assim como no resto do país. No período, podemos observar diversos movimentos intelectuais e agremiações literárias que eram concentrados na capital cearense, dentre elas: a Academia Francesa, que teve Capistrano de Abreu como um de seus fundadores; o Clube Literário, que teve grande notoriedade com a revista “A Quinzena” e a Sociedade Cearense Libertadora (SCL), que teve como foco principal a libertação dos negros escravizados da província do Ceará. A SCL teve como um de seus sócios Chico da Matilde (Dragão do Mar) e influenciou na libertação dos escravizados 4 anos antes da abolição nacional, em 1884. O Ceará após o feito abolicionista também passou a adotar a alcunha de Terra da Luz. Em geral, os movimentos de intelectuais seguiam valores e moldes eurocêntricos.

As novas ideias logo chegaram ao cenário regional. A chamada “civilização” estava a desembarcar na capital cearense, através de novos costumes e formas de remodelar a cidade, com praças arborizadas, edifícios elegantes, os primeiros teatros, clubes, iluminação a gás dentre outras novidades que tanto gerariam mudanças no cenário urbano, como gerariam mudanças profundas nos costumes dos fortalezenses, tendo em vista que a conduta social mudou bastante, com novas sociabilidades, dentre elas se concentrar em praças, no Passeio Público, em cafés, clubes e conversar sobre as novidades.

A partir de uma visão crítica, observo que naquele período as grandes cidades do Brasil estavam a se inserir no circuito capitalista, incluindo Fortaleza, e para entrar na suposta modernidade, “não bastaria apenas dotar a cidade de equipamentos e serviços modernos: era necessário ‘civilizar’ e ‘domesticar’ a ‘população’”. Vale ressaltar que durante o início do processo “civilizatório” o termo “domesticar” é direcionado às populações pobres, pois as mesmas eram tidas “como o principal foco de insalubridade urbana” ou seja, a modernidade deveria ser imposta à população em geral, e muito mais imposta para a população pobre com ajuda de uma medicina social-urbana que também esteve presente no Ceará, contribuindo para a ideia de demonização das populações pobres e expressões populares.

Fortaleza durante a *Belle Époque* passou por avanços econômicos, influenciados pelo comércio de algodão, a exemplo da Estrada de Ferro Baturité, com o trem, o fluxo de pessoas à capital aumentou, criando a imagem que a cidade estava a progredir, tal imagem deveria ser

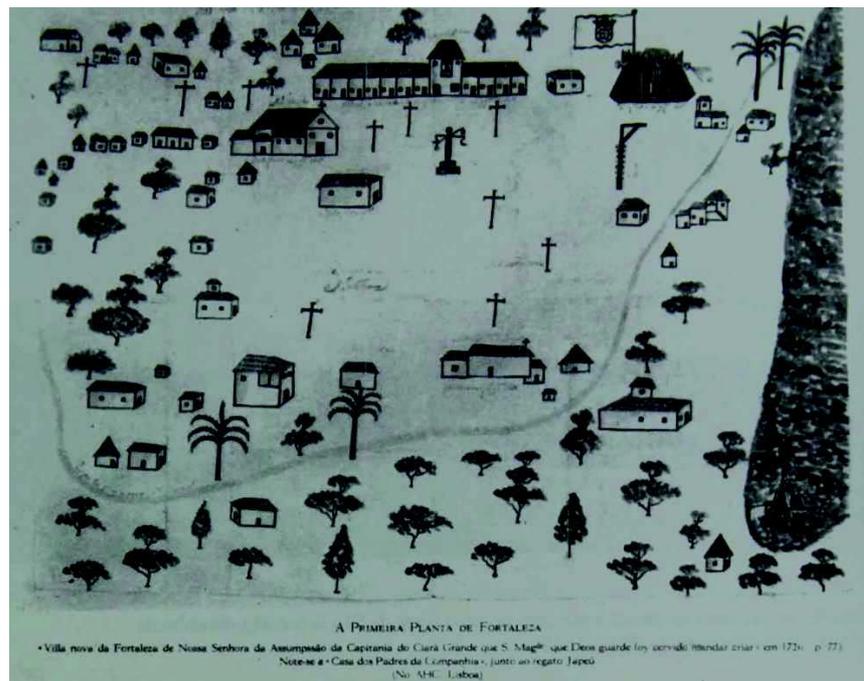
defendida pelas elites locais através de novos costumes e obras. Uma das obras importantes da época é o cemitério São João Batista, no bairro Jacarecanga, vizinho ao Centro da cidade, apesar de próximo geograficamente, o mesmo conseguiu manter um certo distanciamento do centro urbano que o antigo cemitério não tinha, o cemitério São Casimiro, que se localizava onde hoje é a Praça da Estação. O distanciamento também se deu por conta de diversas epidemias que houve no período, como a da cólera de 1862 e 1864, causando medo de contágio por conta dos corpos que antes eram sepultados mais próximos da área urbana. O cemitério São João Batista revela uma elite amante de arte daquele período, após a construção seus túmulos extravagantes com estilo gótico revelam “tanto a monumentalidade da arte cemiterial da época como o poderio dos setores dominantes” (PONTE, 2001, p. 163-165).

A primeira planta da cidade¹² foi desenvolvida pelo capitão-mor Manuel Francês a partir da instalação da Vila de Fortaleza de Nossa Senhora d’Assunção (Figura 1) na primeira metade do Séc. XVIII. Mais tarde, foi desenvolvida uma planta em formato xadrez por Silva Paulet, em 1818. Mas foi Adolfo Herbster¹³, em 1875, sob inspiração das reformas do barão de Haussmann em Paris, quem esboçou a “Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios” (Figura 2) com o objetivo de estender o alinhamento das ruas até as regiões distantes do centro, tornando Fortaleza uma cidade aberta para a circulação de mercadorias e ocasionalmente “dificultava possíveis ocorrências de revoltas e distúrbios, facilitando a vigília dos poderes públicos sobre a capital” (PONTE, 2001, p.166). Mais tarde, em 1888, Herbster projetou outra planta para Fortaleza a “Planta da Cidade da Fortaleza Capital da Província do Ceará” (NIREZ, 2001, p. 261). Herbster também arquitetou outras obras públicas na cidade, a exemplo do prédio que hoje abriga o Museu do Ceará, projetado para sediar a Assembleia Provincial (1871).

12 O arquivo em fotos está disponível na Cronologia Ilustrada de Fortaleza (CIF) disponível em <http://www.ceara.pro.br/Raridades/Fortaleza_Cronologia_Ilustrada.html> Acesso em 31/05/2016.

13 Adolfo Herbster, arquiteto que também projetou a “Planta Exacta do Ceará” em 1859.

Figura 1 - A PRIMEIRA PLANTA DE FORTALEZA, de 1726, por Manuel Francês.



Fonte: O arquivo em fotos está disponível na Cronologia Ilustrada de Fortaleza (CIF) disponível em http://www.ceara.pro.br/Raridades/Fortaleza_Cronologia_Ilustrada.html Acesso em 31/05/2016.

Figura 2 - A Planta da cidade da Fortaleza e Subúrbios, de 1875, por Adolfo Herbster.



Fonte: Cronologia Ilustrada de Fortaleza (CIF) disponível em http://www.ceara.pro.br/Raridades/Fortaleza_Cronologia_Ilustrada.html Acesso em 31/05/2016.

Contudo, o processo modernizador enfrentou obstáculos que puderam ser aproveitados como oportunidade, o maior deles foi o êxodo rural para a capital, principalmente durante as secas após 1877 “A ‘invasão’ de retirantes em 1877-80 - que segundo alguns observadores, chegou a mais de 114.000 quando a população mal atingia 25.000 pessoas - provocou uma das desordens urbanas e sociais mais graves que Fortaleza já experimentou” (NEVES, 2005, p. 114). A devastadora seca freou temporariamente a modernização da capital cearense porque o novo fluxo de pessoas desestabilizou a economia, principalmente o abastecimento alimentar, embora também tenha contribuído com a disponibilidade de mão-de-obra, para algumas obras urbanas, que foram concluídas pouco tempo depois de acabar a calamidade.

A crise climática e social não interrompeu completamente o fluxo modernizador, com o exemplo da estrada de Fortaleza-Baturité, onde preparar o terreno era uma tarefa difícil e a construção estaria parada por falta de trabalhadores para o serviço pesado, o governo vigente aproveitou o número grande de retirantes para avançar na obra. O passeio público, em 1880, foi feito a partir de trabalho de retirantes das secas, a mesma que atrapalhou por 3 anos o “fluxo modernizador” trouxe consigo também a possibilidade de mão de obra barata e gratuita, “a remodelação urbana de Fortaleza se via interrompida - e, ao mesmo tempo contraditoriamente, alimentada - pela presença dissonante dos retirantes das secas. ” (NEVES, 2005, p 116)

Para a elite cearense, a ocupação dos retirantes em espaços criados para o aformoseamento da cidade gerou um sentimento de perda dos espaços. Formou-se uma polarização, de um lado a elite cearense que diariamente se afrancesava, viam os retirantes ocupando os espaços destinados às elites, e de outro lado o “trabalho compulsório e quase gratuito dos retirantes” e que graças a mão de obra dos tais “bárbaros”, vários novos equipamentos urbanos foram integrados à cidade. A ocupação da classe mais pobre em espaços destinados para as elites locais, gerou um medo de degradação e retrocesso. Assim, plantou-se entre a classe mais abastada “a noção de que uma população de pobres e ignorantes camponeses, reunidos pela fome em aglomerações, vivendo em promiscuidade, constitui um ambiente propício para a desagregação familiar e para a conseqüente degradação moral. ” (NEVES, 2005, p. 116-120)

O pagamento nas obras públicas era feito em dinheiro ou alimentos. O sistema significava de fato uma forma de exploração, pois o pagamento era insuficiente o que “produzia um foco permanente de insatisfação e conflitos” e a polícia, já tinha a função de controle de massas de forma violenta: “rara era a prisão effectuada pela cavalaria ou infantaria

que não produzisse um assassinato”(TEÓFILO apud NEVES, 2005, p. 123), configurando um clima intenso de conflitos e violência contra a classe explorada¹⁴.

Dentre os conflitos entre as “pagadorias” e os retirantes destacam-se o do dia 18 de março de 1878, na praça Marques do Herval, hoje praça José de Alencar, quando após três dias sem alimentos uma articulação foi feita para o ataque “entrando em choque com a polícia: ‘pedradas’ contra ‘tiros de espingarda””. O pagamento irregular foi alvo de constantes mudanças para conter as revoltas populares, revoltas essas que só vieram a ser contidas temporariamente após algumas medidas, dentre elas “restrições à circulação dos retirantes” e “fixação dos abarracamentos nas áreas periféricas da cidade” (NEVES, 2005, p. 123-124).

A grande seca de 1877 contribuiu para uma migração intensa para a capital. O sofrimento de três anos foi retratado pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo em seu Livro intitulado “*A Fome*”, de 1890. A obra literária naturalista ressalta o impacto social que a seca teve na época, narrando com descrições fortes e detalhadas a partir ponto de vista de Manuel de Freitas e sua família. Personagem que antes da seca era um fazendeiro bem de vida e se tornou um retirante. Em seu caminho até a capital a morte sempre estaria por perto. O farmacêutico retratou a escassez de alimentos e a insuficiência governamental para tratar os retirantes.

A ração era ali mesmo devorada com uma esfomeação que comovia! Muitos ingeriam com tal avidez que não davam tempo à saliva umedecer o bolo e engasgavam-se. Parte do bolo era rejeitado (sic) e saía pelo nariz e boca, misturando-se à areia. Avaros das migalhas caídas, apanhavam-nas de novo, cobertas de terra (TEÓFILO, 2002, p. 53)

A seca fez que a imagem de progresso cearense elaborada nos anos anteriores fosse destruída “A seca aprofunda os crimes sociais e revela uma capital incapaz de dar as mínimas condições de sobrevivência aos retirantes, salvo pela abnegação de alguns de seus moradores” (Brito, 2013, p. 118). Também fez com que muitas pessoas sofressem cada vez mais com a escassez de alimentos durante os anos de estiagem.

Em março o sertão já acusava falta de chuvas, em abril, perdidas as esperanças de inverno, começou o êxodo dos habitantes do interior extinguiram-se e a ligeira provisão de víveres, conservadas como reserva por muitos, pouco a pouco esgotou-se. De setembro em diante a fome era geral, os socorros públicos, mal administrados, não chegavam regularmente aos lugares mais afectados (sic); quem possuía algum bem ou valor desfazia-se

14 O caráter das pagadorias da época era de “esmolas” e “assistências” e não de uma remuneração por trabalho executado, mesmo que os trabalhos fossem pesados.

dele a troca de farinha ou de outro gênero de primeira necessidade. As poucas e afetadas aguadas, como açudes e poços deixados no leito dos rios depois das cheias, evaporaram-se, rara ficando em um outro ponto da província. Mesmo as pessoas que eram reputadas abastadas, receosas de ficarem bloqueadas e sem comunicação com o litoral, longe de qualquer auxílio, fugiram, desampararam suas casas e fazendas. O sertão tornou-se quase deserto (POMPEU FILHO apud BRITO, 2013 p. 111-112)

Os retirantes eram abrigados em zonas periféricas de Fortaleza, a ideia de controle social, iniciada durante a seca de 1877-80, tinha caráter de segregar a população mais pobre do centro urbano da capital, o projeto político da província assistencialista era construir abarracamentos para a população e oferecer trabalho nas obras públicas. Os primeiros abarracamentos se localizavam em áreas suburbanas da capital cearense “tentando atrair os retirantes para fora do quadrilátero central da cidade” (NEVES, 2005, p. 127). Com o tempo as obras que recebiam retirantes deram lugar aos campos de concentração no interior, segregando espacialmente por um medo real de contato com a populações mais pobres, as epidemias, as revoltas e crimes praticados por retirantes.

A seca e a concentração de pessoas “possibilitou a propagação de uma fulminante epidemia de varíola, vitimando mais da metade dos 100 mil retirantes” (PONTE, 2001, p. 167). Dentre as vítimas incluiu-se até a esposa do presidente da província, provando o tamanho da calamidade pública, mostrando que qualquer um poderia ser contaminado. A epidemia lotou um hospital improvisado e precário, criado em 1856, que serviu para atender doentes contagiosos, o Lazareto da Lagoa Funda, que possuía 300 leitos e atendeu milhares de pacientes com varíola, o “teatro de horrores” chegou ao auge no dia 10 de dezembro de 1878 quando o cemitério do Lazareto recebeu em um único dia 1004 cadáveres vítimas da epidemia de varíola, o dia ficou conhecido como “O dia dos mil mortos” (PONTE, 2001, p. 167).

Para os pobres havia o serviço de carregar os mortos dos subúrbios urbanos para o cemitério local ou descarregar dejetos, alguns destes desenvolviam o trabalho sob efeito do álcool, ou seja, embriagados, sendo alvo de preconceito de classe, alguns que diariamente viam corpos passando pelas principais ruas da cidade não gostavam do percurso e muito menos de quem os conduzia, dentre eles Rodolfo Teófilo, que tinha preocupação com a higiene pública e reprovava tal cortejo, a partir de um ponto de vista de medicina social tendo assim “pouca tolerância médica e moral com os hábitos populares” (PONTE, 2001, p. 168).

As chuvas, enfim, apareceram em abril de 1880 (BRITO, 2013, p.113) e com isso a cidade retomou diretamente o processo modernizante, porém também herdou a população

retirante da seca, que se localizava em espaços periféricos. O Passeio Público e os Bondes, que estavam a ser construídos durante o período de seca, trouxeram um novo ciclo de desenvolvimento cearense e ocasionalmente trouxeram de volta os sorrisos às elites para a capital que voltaria a se alinhar aos moldes eurocêtricos. Com os bondes os patrões poderiam exigir pontualidade dos trabalhadores. O Passeio Público tinha um objetivo de ser um local de lazer, onde as pessoas poderiam sentar e conversar sobre as novidades, construído no antigo Campo do Paiol que antes conhecido como Praça dos Mártires, nome em memória aos cearenses executados no local após terem lutado na Confederação do Equador. O Passeio foi “elaborado em três planos, tendo a área central frequentada apenas pelas elites e ao passo que os outros dois planos eram reservados para classes médias e populares” (BRITO, 2013, p. 113), porém não havia uma imposição oficial que pregasse tal segregação social “O fato é que tal acabou acontecendo “naturalmente”, no dizer dos cronistas da época” (PONTE, 2001, p. 171).

Se para as elites a modernidade voltava a Fortaleza após a desastrosa seca que perdurou três anos, os novos equipamentos urbanos não eram acessíveis a todos, excluindo populações das áreas periféricas: “Mais plausível considerar que essa separação se deu força do segregacionismo social, reforçado pela onda remodeladora que beneficiava especialmente a área central urbana, espaço onde as elites residiam e detinham primazia” (PONTE, 2001, p. 171).

A cidade que se modernizava não era acessível a todos, segregando de forma espacial suas obras, inclusive os “cafés – Java, Elegante, Iracema e do Comércio” (PONTE, 2001, p. 171), onde as elites locais se concentravam e “discutiam as últimas novidades políticas e literárias” (PONTE, 2001, p. 171), locais onde apenas um certo grupo social poderiam matar o tempo. Vale ressaltar os valores civilizatórios vigentes que tinham objetivo de deixar limpa a cidade dos costumes “não modernos” e “selvagens”. Para as elites locais quem “sujava” a cena urbana eram “Os retirantes, os bêbados, as prostitutas, os pedintes, os lazarentos, os moleques de rua” (BRITO, 2013, p.113). Os que não se ajustassem à ideologia “civilizatória” seria “convidado” a ocupar os espaços de isolamento.

Para eles, foram construídos o Lazareto da Lagoa Funda, a Santa Casa de Misericórdia, o Asilo de Alienados São Vicente de Paula, o Dispensário dos Pobres, o Asilo de Mendicidade para confinar os idosos e pobres, e os abarracamentos para abrigar os retirantes da seca. Para os mais revoltados, penitenciárias. (PONTE apud BRITO, 2013, p. 113).

Naturalizando a segregação socioespacial no Ceará, a Fortaleza *Belle Époque* manteve seu ritmo de crescimento. Tornou-se comum entre as elites nas terras cearenses, mais precisamente na capital Fortaleza a veneração à cultura francesa, como a utilização de palavras e expressões da língua europeia “o hábito de falar ou usar expressões em francês para distinguir-se enquanto culto e moderno” (PONTE, 2001, p. 172)

A fotografia também mudou o modo com que o culto à imagem seria realizado, agora na forma de retratos que seriam feitos por profissionais, tendo em vista que seria algo altamente tecnológico para a época. A fotografia trouxe consigo um alvoroço social, até os fotógrafos e comércios usavam palavras e expressões francófonas como símbolo da modernidade de seus serviços e estabelecimentos, a exemplo do *Restaurant Entminet Europeu*, *Hotel de France*, *Rendez-vous des Dames e Paris des Dames* e para os fotógrafos a ideia de que um nome nacional não o faria vender seus serviços os faziam adotar nomes franceses a exemplo podemos ter Eurico Bandeira que tornou-se *Eurico Bandière* (PONTE, 2001, p.172).

Bembém Garapeira, conhecido vendedor de caldo da cidade, para debochar ou para se inserir ao afrancesamento da capital cearense, adotou um pseudônimo francófono, mesmo não sendo necessário por se tratar de um vendedor já conhecido pelas farras que fazia em seu quiosque e não teria a necessidade dessa “modernidade” para atrair clientes. O vendedor curioso com a cidade de Paris, tratou de economizar para conhecê-la. Sua viagem se tornou popular na cidade, Bembém voltou radiante da capital francesa e ao comparar com Fortaleza dizia extasiado das lembranças “Aquilo que é cidade (...) Adiantada aquela terra: Todo mundo falando francês, até mesmo os carregadores chapados, as mulheres do povo e as crianças! ”, ao dar tais declarações alfinetou os novos costumes da capital cearense: “Bembém sugere que Fortaleza estava bem aquém, uma vez que, aqui só uma minoria, os graúdos, sabiam aquele idioma. E faziam questão de utilizá-lo a todo tempo e hora, para posar de gente culta e/ou moderna” (PONTE, 2001, p. 173-174).

Acompanhado de Bembém ainda no final do século XIX, outras figuras inusitadas surgiram em Fortaleza nos anos posteriores, a exemplo de Pilombeta, Tertuliano, Bode Ioiô, figuras com um comportamento irreverente e singular que ameaçavam a imagem de uma Fortaleza civilizada, pregada por alguns veículos de comunicação vigentes no início do século XX, a exemplo da revista “A Jandaia”. Houve assim uma tentativa de combater o que era chamado de “Ceará Moleque”, observado como uma má característica para a terra da luz. Tal

atitude não obteve êxito, basta visitar o museu oficial do Ceará para verificar que as terras alencarianas tomaram para si o adjetivo de moleque¹⁵.

Percebemos um contexto de mudanças sociais em que a questão da civilização pregada em território cearense desvalorizava e inferiorizava a cultura local, sua própria cultura, em detrimento da cultura francesa. Paris era como o espelho a ser seguido, um exemplo para Fortaleza vir a se tornar, durante a segunda metade do Século XIX e início do XX, para além da estrutura física, também em seu modo de vestir, agir e até falar. Contudo, tais estruturas físicas nos moldes “civilizatórios” não seriam possíveis sem a mão de obra barata do retirante que após a seca de 1877 desempenharam trabalhos pesados fundamentais para a construção dos símbolos de aformoseamento. Boa parte da elite local e dos movimentos intelectuais no Ceará foram alimentados pelas tendências científicas da época. Vale ressaltar que grupos de intelectuais ou tipos populares posteriormente fariam uma crítica aos tais moldes “modernizadores” que faziam com que cada vez mais perdesse a identidade regional através da inferiorização dos habitantes e da cultura local.

2.1. O universo letrado presente no Ceará

Em um período de mudanças drásticas, tanto na questão urbana, como social, no território nacional e regional, surgiram vários movimentos de intelectuais. Ressaltaremos algumas correntes de intelectuais regionais naquele momento. As teorias desenvolvidas no continente europeu chegavam com efervescência no território nacional e era comum a discussão e aplicação das mesmas. A partir de então, alguns movimentos literários no Ceará passaram a ter essa base como fundamental para suas instituições e obras baseados no discurso racial e positivistas comum à época.

Vejamos algumas destas instituições fundadas pela elite letrada local. A Academia Francesa surgiu em Fortaleza em meados de 1871, sendo então o primeiro movimento

15 Hoje, no museu oficial do Ceará encontramos o Bode Iôio, um dos ícones do que foi chamado “Ceará Moleque” no início do século XX. Iôio foi um bode que pertencera a um retirante da seca de 1915, o mesmo foi vendido para a companhia *Rosbach Brazil*, empresa instalada na Praia do Peixe, hoje chamada de Praia de Iracema, o que tornou o animal famoso foram seus hábitos de diariamente andar da Praia de Iracema até a Praça do Ferreira, um vai e vem constante que originou seu nome Iôio. Durante seu percurso rotineiro, passava pelas ruas principais da cidade quando era proibido animais soltos no meio urbano, não era abordado pelos fiscais da prefeitura provando que havia uma certa tolerância com o bode. Iôio é tema importante na tradição oral cearense, cordéis e documentários, alguns narram que o bode consumia bebidas alcoólicas, como cachaça e que tinha preferência pelas moças, participou de atos políticos, inaugurou obras, assistiu peça no José de Alencar, boatos davam conta de o bode ser uma reencarnação de Paulo de Castro Laranjeira, um poeta, seresteiro e engenheiro fiscal de obras do Estado que tirou sua própria vida após uma desilusão amorosa, em 1897. Iôio era um cearense como qualquer outro, sua morte causou comoção regional e seu corpo hoje está eternizado no museu oficial do estado, e é tido como um dos ícones do “Ceará Moleque” (PONTE, 2001)

intelectual que introduziu a crítica social na província cearense. Teve como fundadores as figuras de Capistrano de Abreu, Thomás Pompeu Filho, Rocha Lima e Araripe Junior. O grupo era composto em sua maioria por jovens estudantes de Direito da Tradicional Escola do Recife. As periódicas reuniões da agremiação ocorriam na casa de Rocha Lima, onde discutiam a filosofia positivista de Comte, originária da França, daí a inspiração para o nome da agremiação.

O grupo de estudantes era pertencente às elites cearenses e combatia severamente a sociedade tradicionalista influenciada fortemente pela Igreja Católica. Acusavam que a sua estreita relação entre Igreja e Estado seria então o agente causador do “atraso material e moral daquela sociedade” (CARDOSO, 2002, p. 47) sob um fundo liberal. Foram os precursores no Ceará da disseminação de novas ideias pautadas no cientificismo dos fatos, sob uma apreciação constante da filosofia positivista e com relações constantes com a maçonaria cearense. Os intelectuais da Academia representavam um caráter educativo para a sociedade, realizavam conferências públicas que receberiam o nome de “Escola Popular”, destinadas para a população em geral, onde eram expostas as ideias científicas vigentes com o objetivo de “educar o proletariado”. As conferências da “Escola Popular” tiveram uma grande repercussão na época tanto na imprensa, como no clero, por disseminar as ideias “civilizatórias” e “modernas”. A partir desta agremiação, passou a vigorar, entre os intelectuais da terra da luz um certo sentimento “anti clero” que via a igreja como um inimigo do desenvolvimento.

As conferências da Escola Popular privilegiavam questões que possibilitassem uma visão cientificista dos temas da História, da religião e da vida cotidiana, procuravam estabelecer uma crítica das tradições tidas como naturais e insistiam na comprovação dos fatos. A Crítica que daí partia colocava em teste a percepção de tudo o que não pudesse ser comprovado pelo método empírico cientificista. Assim, voltavam suas principais críticas às relações Estado-Igreja, que então ainda eram restritas ao padroado. (OLIVEIRA, 2002, p.29)

Já o Clube Literário surgiu no ano de 1886, teve como fundador João Lopes, um dos membros da Academia Francesa. Foi composto por escritores romancistas e adeptos da tendência literária de cunho social que era alinhada à ciência produzida no continente europeu no Séc. XIX. Foi um movimento do qual surgiram diversos nomes importantes no cenário literário cearense, como o romancista-realista Oliveira Paiva e Farias Brito, dentre outros que fariam parte posteriormente da Padaria, como Antônio Sales e Rodolfo Teófilo. Como órgão de imprensa, o clube publicava a revista *A Quinzena*, com conteúdo que abrigava poemas e narrativas românticas, artigos com críticas ao realismo e os contos realistas de Oliveira Paiva,

que assinava com o pseudônimo de Gil Bert. O clube literário realizava reuniões noturnas, onde eram discutidas as novas tendências da literatura brasileira e estrangeira. Vale lembrar que o mesmo teve influência no movimento abolicionista cearense no início de 1880. O Clube era uma ramificação do movimento pela libertação e da antiga Academia Francesa, este apontava a abolição como resultado do processo evolutivo da província: “resultado da evolução biológico-social-moral do povo cearense que, por adaptar-se à ação violenta das forças mesológicas e climáticas (referindo-se à seca de 1877) teria adquirido força e índole capazes de promover o bem comum” (CARDOSO, 2002, p. 48).

Tais ideias ainda hoje são reproduzidas pela história oficial do Ceará. Embora não tenha sido a boa índole das elites a responsável pela redução do número de escravizados nas décadas anteriores à abolição, destaco a grande quantidade de escravizados que saíram das terras alencarianas pelo tráfico interprovincial¹⁶, que nos anos de seca tinha um aumento significativo. Os retirantes formavam uma mão de obra barata e ocasionalmente seria concorrente à escravizada no Ceará, o jornal *O Libertador*, defensor de ideias abolicionistas, tinha um caráter liberal e foi editado por intelectuais que viam no regime escravista, o impasse para incluir o país no “cenário das nações liberais” e sempre viam o negro como um subordinado. Então, a abolição no Ceará, não foi fruto de uma evolução social, e sim fruto de fatores econômicos vigentes à época acompanhado da intenção de promoção dos “libertadores” que também faziam parte das elites cearenses.

Voltando para as agremiações presentes em Fortaleza durante o período da *Belle Epoque* temos também a Academia Cearense que é tida como a mais antiga academia cultural do país sendo hoje chamada de Academia Cearense de Letras. Fundada em Fortaleza, em 15 de agosto de 1894, o ano também foi o mesmo de fundação do Centro Literário. A princípio, a academia cearense abrangia a literatura, ciência, a educação e a arte de forma geral. A mesma foi inspirada na Academia de Ciências de Lisboa e teve como seus fundadores vários nomes, dentre eles: Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Alvaro de Alencar e Antônio Bezerra. A Academia Cearense tinha como instrumento de divulgação de seus ideais a *Revista da Academia Cearense*, que continha discurso social semelhante aos movimentos do período. O Centro Literário, produzia a revista *Iracema*, e apoiava o nacionalismo republicano, em uma ocasião propuseram a mudança de nome da capital do Ceará de Fortaleza para Iracema.

Vale-se ressaltar que todos os grupos citados acima fazem parte do que Cardoso chama de “Mocidade Cearense”, agremiações e grupos pertencentes às famílias que possuíam

16 José Hilário Ferreira Sobrinho. “Catirina, minha Nêga, Tão Querendo te Vendê...” Escravidão, tráfico e negócios no Ceará do Séc. XIX (1850-1881) Fortaleza, Seult/CE, 2011. Pág. 104.

um poder local na região. Tal poder precisava de uma afirmação de saber, do qual era feito constantemente na cidade pelas elites locais, a partir das agremiações que disseminavam o pensamento comum da burguesia da época. Após a projeção política decorrente da participação no movimento abolicionista não pensaram duas vezes antes em aceitar cargos públicos e administrativos e assim puderam “implementar seus projetos de modernização do Estado, mas sempre conciliando com os interesses dos grupos políticos tradicionais” (CARDOSO, 2002, pág. 52).

O Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará (IC) também surgiu neste contexto histórico (1887), com o objetivo de nomear, classificar e descrever o que seria singular à terra da luz. A criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838 estimulou a idealização de outros institutos locais nos anos posteriores, um dos exemplos é o IC, que veio a aparecer mais de quatro décadas depois.

O IC teve grande relevância no quesito de ordenação do passado, a partir de critérios científicos alinhados aos moldes europeus, sua produção intelectual foi exposta através de uma revista, a *Revista do Instituto do Ceará*. Para a produção houve estudos e levantamentos sobre o território cearense e seu povo, seus heróis, a bravura de seus nativos mortos na expulsão dos holandeses e contraditoriamente, a rebeldia dos nativos que ainda resistiam, ressaltavam heróis do território local, a exemplo de Martim Soares Moreno que chegou a receber o encargo de “fundador do Ceará”.

O Instituto do Ceará viu a abolição como um progresso para as terras alencarianas, tendo em vista que alguns dos seus integrantes faziam parte do corpo intelectual de sociedades abolicionistas do Ceará do Séc. XIX, porém, na sua produção intelectual, é ocultada a menção da influência africana no território cearense, restringindo apenas a indígena. Foram membros do IC nomes como Antônio Bezerra, Guilherme Studart (Barão de Studart), João Baptista Perdigão de Oliveira, entre outros que fizeram com que se torne ainda viva tanto a revista como o prédio, que se encontra em pleno funcionamento (OLIVEIRA, 2000).

Os movimentos citados acima, somados ao Instituto do Ceará tiveram importância no período para expor as peculiaridades do povo cearense, apesar de expressar em grande parte o pensamento das elites que sempre possuíam um fundo filosófico eurocentrista, tiveram importância para a “construção da identidade cearense”. Mesmo que tais debates tivessem como ausências constantes as classes mais populares.

2.2. Expressões musicais e a cultura na terra da luz

Em tempos anteriores e durante à *Belle Époque*, o Ceará era repleto de expressões populares, entre elas os congos, que eram constantemente realizados de várias formas, sendo as mais comuns delas, segundo Rios Martins (2012), as folgadas e congadas. Os folguedos tinham suas formas singulares de expressão acompanhados das congadas e uma outra expressão que era realizada em épocas natalinas na Igreja do Rosário, e se dirigiam a casas de família, chamada Autos do Rei Congo¹⁷, que tinham um caráter interessante pois eram uma fusão entre expressões dos negros e a religião católica e recebiam pessoas de diferentes classes sociais, tais apresentações “tinham oportunidade de representar reminiscências da história africana” (PIRES MARQUES, 2009, pág. 36).

Com o tempo, os festejos foram perseguidos tanto pelo clero, através da retirada dos cargos de rei e rainha da Irmandade do Rosário da Capital, como pelo olhar modernizador que avançava em Fortaleza. Apesar de ser alvo do projeto civilizatório, as festas populares contavam sempre com a presença e o apoio de vários escritores que anunciavam os festejos em seus jornais e tomavam posições de defesa a respeito da continuidade dos festejos. As apresentações precisavam sempre de uma autorização prévia da polícia e o pagamento de taxas, vale lembrar que para os Congos, a movimentação era intensa pois era necessário mobilizar um número razoável de pessoas, os integrantes do coral, os figurantes, os músicos e é claro, quem iria assistir à tradição, tais expressões culturais tinham apoio dos jornais da época, a exemplo do *Cearense* de 8 de janeiro de 1890 (MARQUES, 2009).

O maracatu produzido na Terra da Luz também era presente no século XIX e como todas as tradições populares, também foi alvo de perseguições, e muito criticado pelos jornais do período, mas ainda assim as pessoas participavam dos cortejos da tradição popular de origem negra. No quadro das tradições populares perseguidas também tinha a umbigada, uma dança que possuía ancestralidade comum entre as outras expressões, ou seja, era de origem africana, consistia em uma encenação dançante do ato sexual¹⁸, tal dança foi perseguida e gradativamente teve seu espaço regional sendo ocupado pelo miudinho, “dança mais parecida com o “gingado” dos sambas carnavalescos da atualidade” (MARTINS, 2012, p. 92)

No período da Belle Époque as perseguições às expressões populares no Ceará se intensificaram, tendo em vista que a cidade passou a se apropriar de novos gêneros musicais oriundos do continente europeu, instituindo o clima de rivalidade entre o civilizado e o

17 Devido a existência da irmandade da Nossa Senhora do Rosários dos Homens Pretos da Capital, o Rei Congo seria na maioria das vezes o Rei do Rosário (Pires Marques, 2009)

18 Possui uma certa semelhança com a dança de origem africana kizomba, muito dançada na África lusófona.

bárbaro. Tais dissonâncias foram vistas de forma mais explícita nos sambas¹⁹ de Fortaleza, em que a violência e a baderna eram os temas dominantes, enquanto nos clubes mais elitizados o gosto pelo piano fez-se iniciar um projeto “civilizatório” da questão musical na terra da luz. Dentre as tradições importadas temos algumas que hoje já estão assimiladas à cultura regional, a exemplo da quadrilha francesa, “uma dança de salão com quatro pares, que veio dos meios aristocráticos de Paris” (MARTINS, 2012 p. 94) a mesma teve seu processo de popularização já naquela época, quando passou a ser adotada nos bailes de expressões populares e se aproximou do que hoje é chamado de quadrilha, aumentou o número de pares e adaptou tanto o gênero como os passos aristocráticos dos quais eram originais da dança em questão. “Nesse cenário musical enriquecedor de nossa capital, onde as práticas musicais se cruzavam, se criavam e se recriavam, podemos perceber que os convencionais parâmetros de erudito e popular perderam seus sentidos originais e ganharam novos significados” (RIOS MARTINS, 2012, p. 95).

Em dissonância com os instrumentos utilizados nas tradições já citadas, as práticas musicais das elites em Fortaleza na segunda metade do Séc. XIX passaram a ser voltadas para o piano, sendo ele um instrumento de afirmação das classes abastadas, era usado em vários casos como móveis para ocupar a sala, gerar um diferencial entre as elites cearenses, mesmo que não saibam executar notas no instrumento importado. Outra ocupação dos pianos na terra da luz eram as festas privadas e saraus, oportunidade de expor os dons de seus filhos enquanto músicos, tais práticas formavam no Ceará, o que Rios Martins chama de “Supremacia do Piano” que teve um certo embate curioso com a agremiação mais original do Ceará no século XIX, a Padaria Espiritual, por ter em sua composição tanto nomes de quem era a favor, como quem era contra a utilização do instrumento.

19 Samba era mais que apenas o gênero musical da época como bem relata a autora “o termo samba não se restringia a um gênero musical, mas também designava a farra ou coletivo de musicalidades nordestinas” (RIOS MARTINS, 2012, p. 91)

CAPÍTULO III: A PADARIA ESPIRITUAL E O PÃO LEGÍVEL

Ao contrário do movimento de doutrinação “civilizatória”, composto exclusivamente por homens pertencentes a grupos dominantes, que tentavam encaixar de várias maneiras, o Brasil na fôrma eurocentrista, a Padaria Espiritual seguia moldes predominantemente dissonantes ao período vigente, pois manifestava a preocupação em defender a cultura e os costumes locais.

A Padaria foi fundada em 30 de maio de 1892, inserida em um contexto de mudanças, cujo o movimento de padeiros tinha uma pretensão de ser diferente de todos os já existentes, e foi de um certo modo. Apesar de serem regidos por um estatuto criado pelos membros, o grêmio esteve longe de todas as formalidades literárias que existiam na capital cearense.

Antes da instalação da agremiação, o Café Java recebia constantes frequentadores que formavam um grupo de amigos para conversar sobre literatura, criando o embrião da Padaria “uma das mais originais agremiações do Ceará e talvez do Brasil” (AZEVEDO, 1976, p.137). Um grupo de jovens escritores frequentadores do Café Java pensou a criação de um grêmio literário, dentre os escritores estariam Ulisses Bezerra, Sabino Batista, Álvaro Martins e Antônio Sales, sendo que o último já fora membro de outra sociedade literária e foi defensor desta “cousa nova” para o grêmio, não sendo então uma academia mirim e burguesa como os demais grupos contemporâneos ao seu tempo foram. Coube a estes rapazes pensarem na inovação artística “que só valeria a pena se fosse algo novo, original e até mesmo escandaloso, que repercutisse no povo” (BRITO, 2012, pág. 70). Como o líder do grupo, foi atribuído a Antônio Sales a autoria do nome de “Padaria Espiritual”.

Lembrando da festividade, em 1894, Antônio Sales “destacou a originalidade da festa inaugural da Padaria Espiritual, ‘onde a boa gargalhada substituía ao tonitruar da retórica cediça e narcótica’” (JUREMA apud AZEVEDO, 1976, p.148). A festa possuía uma contradição ideológica, segundo relatos de Adolfo Caminha em *O Diário*²⁰, na edição do dia primeiro de junho, um dia após a festa, Caminha relata que na ocasião houve uma afirmação da intelectualidade feita por execuções ao piano concretizadas por Jorge Víctor, contrariando ideologicamente o 28º artigo, que condenava o padeiro que recitar ao piano. As posições polêmicas defendidas no estatuto²¹ da Padaria Espiritual anunciavam que suas produções

20 Periódico do qual Adolfo Caminha também editou, possuiu 59 edições, tendo seu início no mesmo ano de fundação da Padaria Espiritual (Bezerra, 2009).

21 A Padaria Espiritual, possuiu um estatuto de normas, com 48 artigos que é considerado a primeira produção dos membros como grêmio, tais regras foram lidas na festa de inauguração e foram transcritas em diversos jornais, dentre eles o *Jornal do Comércio* da capital carioca. (AZEVEDO, 2011)

fariam com que a agremiação possuísse uma singularidade, tanto pelas suas contradições, a exemplo da festa inaugural, como por ser uma das defensoras da cultura local. O estatuto da agremiação foi lido na sessão inaugural do grêmio em sua primeira sede na antiga Rua Formosa²² Nº 105, no dia de sua fundação.

Com uma linguagem irreverente e boêmia, as discussões eram geradas em torno da política, seca, críticas aos costumes civilizatórios e às normas vigentes. A classe preferida para os temas irônicos dos padeiros era a burguesia, criticando em seu jornal os costumes da classe dominante. Sob liderança de Antônio Sales, a agremiação tinha como principal foco a crítica irreverente, resultado de um contexto de mudanças ocorridas no final do Séc. XIX “os padeiros encontravam-se no meio de um campo de tensões onde as ideias, através da atividade de imprensa, procuravam configurar a realidade cotidiana” (CARDOSO, 2006, p. 29)

Vimos que, Fortaleza foi incluída no contexto de reformas urbanas e sociais que seguiam a capital parisiense como modelo, ao ponto de em ruas da cidade ser comum ouvir e ler termos da língua francesa. Dominava a ideia de que seria uma forma de transparecer o seu “ser civilizado”.

O contraste e as críticas aos valores burgueses geradas pela Padaria foi anunciado desde seu programa de Instalação, que em suas normas, proibia a utilização de palavras estrangeiras, animais e plantas que não pertencessem à fauna e flora brasileira. Toda a preocupação de puro cunho nacionalista presente no Ceará foi organizada em um jornal chamado “*O Pão*” e os editores “Padeiros”, adotavam nas suas publicações pseudônimos, estes em sua maioria tinham nomes de plantas tipicamente brasileiras, referências a obras literárias, cidades, a exemplo de um de seus fundadores Adolfo Caminha que viria a se chamar Felix Guanabarino “numa referência à baía da Guanabara e à sua atividade como marinheiro” (BEZERRA, 2009, p. 125), Antônio Bezerra na segunda fase assinaria André Carnaúba em alusão a fauna, nomes extravagantes a exemplo de Álvaro Martins, que seria o Policarpo Estouro, o músico Carlos Vítor, o Alcino Bandolim, Antônio Sales possuiu seu nome em referência ao romance *Iracema*, Moacyr Jurema, o primeiro nome em alusão ao filho da índia com o português, o segundo cabendo tanto a interpretação da árvore Jurema, como também para o segredo que a Iracema guardava da bebida utilizada nos rituais da tribo indígena, do qual foi dada a Martin gerando Moacyr, o líder da Padaria assinava sob o pseudônimo de filho de Iracema com Martin, feito com a influência do segredo que a nativa guardava.

22 A rua em questão hoje se chama Rua Barão do Rio Branco.

Coube a Sales a visibilidade nacional que teve a agremiação regional, o autor de *Versos Diversos* distribuiu a autores do país inteiro o programa de instalação, fato este que deu visibilidade aos membros, incluindo seu líder, em âmbito nacional.

O grêmio possuiu duas fases, sendo a primeira iniciada no ano de sua fundação (1892), dentre os nomes da fase inicial, vemos artistas como Jovino Guedes, Álvaro Martins, Antônio Sales, Sabino Batista, Ulisses Bezerra, Adolfo Caminha. A presença dissonante dos músicos Henrique Jorge e Carlos Vítor na primeira fase dá a entender prováveis desentendimentos nas primeiras reuniões. Ressalto aqui a diversidade do grupo para além da literatura produzida no periódico *O Pão*, além de músicos havia também um pintor: Luís Sá, e curiosamente Joaquim Vitoriano “que não era escritor, nem músico, nem pintor: havia ingressado no grupo ‘não em virtude do cérebro e, sim do braço e da coragem de que era dono’ segundo Leonardo Mota” (AZEVEDO, 2011, pág. 19). O estatuto da Padaria, em seus artigos 10 e 11 propõe que obras de “vítimas” seriam analisadas e feitas dissertações sobre estas. Um dos casos irreverentes envolvendo tal norma ocorreu na assembleia de 15 de julho de 1892, em que foi escolhido logo o Joaquim Vitoriano para falar sobre Spencer, obviamente uma pegadinha proposta pelos integrantes do grêmio, tendo em vista que Vitoriano era apenas um cidadão comum, membro da agremiação.

A curiosidade da agremiação se evidencia ao ver sua conduta de valorização da cultura, fauna e flora regional, o artigo 20 do estatuto, aborda uma certa admiração aos clássicos, tanto regionais como mundiais: “Durante as fornadas é permitido ter o chapéu na cabeça, exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, porque, então todos se descobrirão”. Percebe-se então que os padeiros teriam como referências autores nacionais, regionais e europeus.

3.1. *O Pão*, a crítica irreverente na terra da luz: A primeira fase da Padaria.

Em sua primeira fase, *O Pão* era feito de início somente aos domingos, e podia ser obtido de forma avulsa pelo valor de 60 réis (rs) nas duas primeiras edições, a partir da terceira o valor subiu para 100 rs e ainda restrito à compra avulsa. Só depois da quarta edição do ano I, que passou a ter um valor mensal de 500 rs que deveria ser pago adiantado aos membros para efetuar a assinatura da produção, 60 rs. A Padaria optou por produzir *O Pão* como uma ideia de um alimento intelectual, sendo várias vezes lembrada em suas edições.

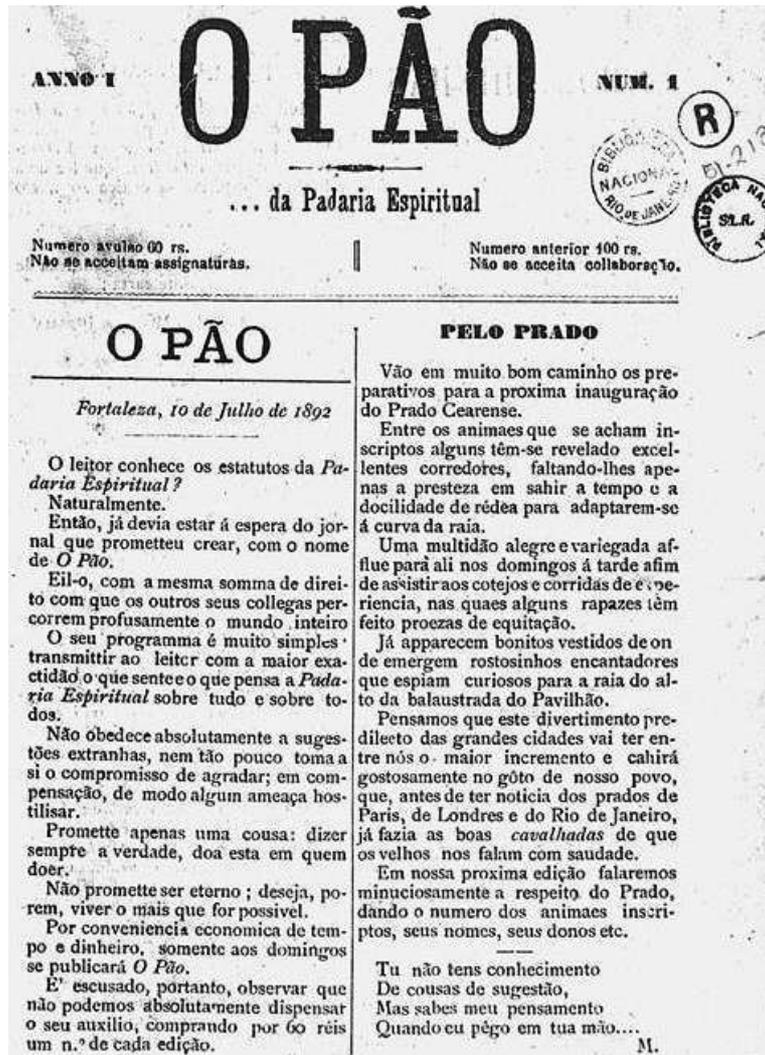
Todas as edições estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional digital. Vale lembrar que o primeiro ano, 1892, possuiu “seis edições” do jornal, mas por motivos desconhecidos a edição de número três veio como uma repetição da edição de número dois, então só temos de fato cinco edições no primeiro ano (AZEVEDO, 2011, pág. 31). Foram membros fundadores da agremiação e participantes da primeira fase vinte nomes, como já regia o 3º artigo do estatuto, porém vinte dias após a fundação, foi admitido mais um sócio, formando a lista a seguir²³:

- 1) Jovino Guedes (Venceslau Tupiniquim)
- 2) Antônio Sales (Moacyr Jurema)
- 3) Tibúrcio de Freitas (Lúcio Jaguar)
- 4) Ulisses Bezerra (Frigolino Catavento)
- 5) Carlos Vítor (Alcino Bandolim)
- 6) José de Moura Cavalcante (Silvino Batalha)
- 7) Raimundo Teófilo de Moura (José Marbri)
- 8) Álvaro Martins (Policarpo Estouro)
- 9) Lopes Filho (Antônio Gerval)
- 10) Temístocles Machado (Túlio Guanabara)
- 11) Sabino Batista (Sátiro Alegrete)
- 12) José Maria Brígido (Mogar Jandira)
- 13) Henrique Jorge (Sarasate Mirim)
- 14) Lívio Barreto (Lucas Bizarro)
- 15) Luís Sá (Corregio del Sarto)
- 16) Joaquim Vitoriano (Paulo Kandalaskaia)
- 17) Gastão de Castro (Inácio Mongubeira)
- 18) Adolfo Caminha (Félix Guabarino)
- 19) José dos Santos (Miguel Lince)
- 20) João Paiva (Marco Agrata)
- 21) Antônio de Castro (Aurélio Sanhaçu)

No primeiro ano de produção, a capa (Figura 3) apenas possuía o título “*O Pão*” com letras grandes e abaixo disso os preços e valores. A partir do segundo ano passou a expor o nome de seu diretor, que se manteve constante com Antônio Salles. As edições da sua primeira fase abriram mão dos anúncios em suas páginas. O motivo da distância dos anos entre a sexta e a sétima edição é o fato dos membros passarem a escrever em um outro periódico, *A República* que chegou a ter publicações assinadas com pseudônimos dos padeiros em algumas ocasiões, dentre elas o aniversário da Padaria.

23 A lista está presente em “Breve História da Padaria Espiritual” de Sânzio de Azevedo, 2011, p. 37.

Figura 3 - Capa da primeira edição de *O Pão da Padaria Espiritual*, de 1892.



Fonte: site da Biblioteca Nacional, disponível em <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em 28/10/2016.

Ler o jornal *O Pão* me faz perceber o humor e o tom crítico da publicação, como pode ser observado logo na primeira edição, em um espaço onde era dedicado a diálogos entre algum padeiro e uma moça:

Dialogo entre um Padeiro e uma Moça:

-Qual é o preço d'O Pão?

-60 réis, minha senhora.

-Oh! É Muito caro! Pois não vê logo que não dou meus tres vintens pel'O Pão?

-Ah! É porque V. Exc. não tem...fome!²⁴

No breve diálogo podemos ver a reação da moça ao saber o preço do jornal que mais tarde valeria cinco vinténs²⁵, e ainda mais o teor humorístico na resposta do Padeiro para com

24 *O Pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza. Ed. 1 10/07/1892, p. 2.

a garota, revelando que a agremiação não tinha de forma predominante, membros de classes sociais mais abastadas de Fortaleza, e que para alguns aquele seria seu sustento, ou parte dele, outra interpretação cabível parte de uma ambiguidade no termo “Pão” no sentido de que a moça em questão também poderia ter fome de conhecimento.

As críticas propostas pelos padeiros eram sempre feitas de forma irônica e irreverente. Segundo o estatuto: “Aquele que durante uma sessão não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. ” Nesta primeira fase, podemos ver claramente a efervescência das ideias, o barulho, a empolgação que a agremiação possuía. É comum no primeiro ano de produção os textos serem mais crus as ideologias mais explícitas, os artigos eram assinados sob um pseudônimo e “desfilavam às vezes lirismo, irreligiosidade, ódio ao burguês, antilirismo humorístico, anticlericalismo e misticismo” (AZEVEDO, 2011, P. 40).

Na primeira edição, de 1892, há uma pilhéria direcionada ao governador em exercício, o Tenente Coronel José Freire Bezerril Fontenele, e de forma subjetiva aos costumes das elites locais. Antes de dirigir a crítica, os editores já haviam feito uma petição, foi assinada por dezesseis padeiros, para que o governo estadual vigente pudesse atender o jornal, e seus leitores. A demanda era alterar o horário de funcionamento da Biblioteca Pública que funcionava no horário em que muitos dos que teriam “fome de ideias” trabalhariam (como alguns padeiros), pois o horário coincidia com o horário de outras repartições, e ainda no final do texto hierarquizam a ocupação na biblioteca com a ocupação de outros aparelhos presentes em Fortaleza no final do Séc. XIX a exemplo dos citados abaixo:

Bibliotheca Publica

Concitamos o cidadão Governador do Estado a dar execução à petição que lhe dirigimos a respeito do horário da Bibliotheca Publica.

Este estabelecimento abre-se ás 10 horas da manhã e fecha-se ás 3 da tarde, como qualquer outra repartição.

Quem escreve estas linhas nunca transpoz o humbral da Bibliotheca, apesar do grande desejo e necessidade que tem de fazel-o, porque está aferrado ás suas obrigações justamente ao tempo em que está ella abertao ao publico.

Vamos, cidadão Governador, seja rasoavel, faça isso: mande abrir a Bibliotheca das 7 ás 9 da manhã e das 6 ás 9 da noute, e garantimos que ella será frequentada por muita gente que, á falta de ocação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no Java.

Faça o nosso pedido ; sim?²⁶

Antes mesmo da instalação da padaria, a demanda já existia, o que pode ter sido um dos assuntos das discussões dos rapazes do Café Java, que formaram a origem da agremiação.

25 Termo usado para se referir a vinte réis, no caso cinco vintens são 100 rs.

26 *O Pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza, Bibliotheca Publica. Ed. 1, 10/07/1892, p. 4.

A crítica ao horário da Biblioteca Pública já era anunciada no seu histórico estatuto. A agremiação cumpriu com a regra interna ao publicar já em sua primeira edição a crítica de forma irreverente direcionada ao governo do estado. Apesar de ser benéfico para os amantes da leitura e uma boa ocupação, a solicitação dos Padeiros “não rendeu os resultados esperados pois que Juvenal Galeno, então diretor da Biblioteca, era contrário à determinação desse novo horário por julgá-lo inoperante.” (AZEVEDO, 1976, p. 120)

Não se sabe ao certo se nos anos posteriores seus horários mudaram para o funcionamento noturno, o que se sabe que hoje, 124 anos depois, os padeiros não ficariam contentes com o atual horário da biblioteca, que já teve horários que iam até as 21 horas e agora está com seu acervo abrigado em um local provisório devido a reforma do prédio antigo e ao seu funcionamento caberia a mesma crítica dos padeiros, atualmente está aberta durante o horário, comercial de 8 da manhã até às 18 horas, horário em que muitos também estão trabalhando em Fortaleza e região metropolitana e não podem “ transpor o humbral” da biblioteca.

Os ataques e as observações presentes no periódico tinham caráter irreverente, tendo em vista que os editores presenciavam a realidade cearense como todo e qualquer habitante. Entretanto. *O Pão* foi um alimento intelectual difícil de engolir por alguns grupos da capital, principalmente os alvos de seus ataques e até mesmo do “ódio de morte” dos padeiros.

A coluna Sabatina que era desenvolvida por Adolfo Caminha, sob pseudônimo de Felix Guanabarino, seguia com reflexões a respeito do Ceará, e tinha como objetivo “Dizer a verdade sem offender ao próximo, escolhendo de preferência aos acontecimentos mais importantes da última semana”. Na segunda edição do periódico, Caminha fez uma observação a respeito da repercussão que teve a padaria para com as elites locais, relatou que a burguesia da época os chamavam de “idiotas sem eira nem beira, uns pilintras sem letras nem dinheiro”, Guanabarino acusa também as elites teriam comprado “*O Pão*” apenas para xingar o grupo, as ofensas não atingiram a agremiação, o máximo que fizeram foi proporcionar boas risadas por parte dos membros do grupo de intelectuais irreverente. Nesta coluna percebe-se então que o autor de *A Normalista* realmente assumiu o espírito proposto pelo programa, descrevendo “o perfil social da burguesia que a Padaria Espiritual atacou” (CARDOSO, 2006, p. 30). Na mesma edição, a venenosa crítica aos costumes da elite cearense:

A capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bella como a conheceis, é, entretanto uma cidadezinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não temos livros que prestem. Para matar o tedio que nos mina e consome a existencia, somos

obrigados a ir, às quintas-feiras e aos domingos, alli ao Passeio Publico exhibir a melhor de nossas fatiosas eo mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos (...) A Padaria Espiritual é, pois (não vos escandaliseis) uma instituição utilissima, tão util quanto a sociedade S. Vicente de Paula, tão necessaria quanto o Instituto Histórico e geógraphico.²⁷

A edição de número dois segue com uma denúncia no mínimo cômica, o relato de que no dia de distribuição da primeira edição do *Pão* por conta de uma confusão que nas imediações da padaria, roubaram uma calça que pertencia a Sabino Batista que levava a alcinha de Satyro Alegrete. Talvez o desaparecimento não tenha sido tão cômico pelo fato da peça ainda não ter sido paga. “Em que paiz estamos nós? Pois rouba-se assim um pobre rapaz que está em vespera de ser pai de familia o unico par de calças decentes que elle possuia?!”²⁸.

O Pão teve um de seus textos mais emblemáticos em uma edição direcionada ao natal, em 24 de dezembro de 1892. Na edição de número cinco esteve presente uma das reflexões destacadas quando o assunto é Padaria Espiritual, a valorização da cultura regional proposta pela agremiação. Adolfo Caminha na coluna “Sabatinna” fez uma reflexão sobre a descaracterização das festas populares:

Evocar o passado n’um dia como este é reviver os melhores tempos da nossa vida, quando ainda não tínhamos noção alguma das cousas e levamos a existência a rir ou a choramingar por frioleiras n’uma indiferença absoluta a tudo e a todos, pedindo a Deus alfenins e calungas e a moer a paciência do papae.

E o bumba meu boi? E os congos? E os fandangos? E todas essas festas tradicionais que o povo se incumbia de crear para o gaudio dos rapazes alegres?

.... Tudo vae desaparecendo com o patriotismo nacional. O Natal, como o S. João e como todas as festas de caráter popular – vai degenerando em festa aritocrática²⁹.

A coluna Sabatina, nesta edição, teve um caráter interessante de valorização das festas populares, estas de uma forma gradativa estariam sendo descaracterizadas. Estudar a Padaria é ver abordagens originais à época e uma escrita de questionamentos frente à ordem que descartava toda a cultura não similar à europeia. Vê-se a partir deste fragmento mais uma vez o caráter de crítica a toda essa mudança avassaladora que perseguiu a cultura e às expressões populares no séc. XIX.

“*O Pão*” possuiu um caráter diferente de tudo que já veio antes. Vale ressaltar que sua produção não se deteve apenas na escrita literária, pois a mesma era uma “agremiação de

27 *O Pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza, Sabbatina (Adolfo Caminha). Ed. 2, 17/07/1892, p. 1-3.

28 *O Pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza, As Calças. Ed. 2. 17/07/1892, p. 3.

29 *O Pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza, Sabbatina (Adolfo Caminha). Ed. 5, 24/12/1892, p. 3.

letras e artes” (PONTE, 2001, p. 176) e como já dizia seu artigo 1º do estatuto: “Uma sociedade de rapazes de Letras a Artes”. Fazendo jus às artes desde seu programa de instalação, vê-se uma preocupação com símbolos musicais da burguesia, que devido ao período de “*Belle Époque*” tinha uma certa preocupação em tocar piano, aprender ou simplesmente ter um piano, no que Ana Luíza Martins (2012) chama de “Supremacia do Piano”.

O movimento “civilizatório” também esteve presente no ramo musical em Fortaleza, causando uma crítica por parte dos padeiros que defendiam as expressões musicais populares e regionais. No estatuto já haveria a advertência aos que insistissem nos instrumentos elitizados para propagação de ideias da Padaria “Será punido com expulsão imediata e sem apelo o Padeiro que recitar ao piano³⁰”.

O movimento musical presente na padaria se opôs também à norma instrumental vigente. No ramo musical observa-se uma necessidade de afirmação do “ser diferente” que se opõe ao instrumento que se encaixaria perfeitamente nos moldes eurocentristas propostos pela *belle époque* e valorizado pelas elites locais. Os padeiros então “diziam-se a favor de uma música construída fora dos padrões europeus estabelecidos pela cultura letrada” (RIOS MARTINS, 2012, p. 98). Sobre a defesa da cultura popular, o estatuto destaca a necessidade: “A Padaria Espiritual obriga-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível, um Cancioneiro Popular, genuinamente cearense”. Sendo que “Um dos ‘lemas’ da Padaria Espiritual era se distanciar do estrangeirismo propagado pela ‘burguesia’, termo utilizado por eles para designar as camadas abastadas da sociedade. No entanto, alguns músicos, como Henrique Jorge e Jorge Victor faziam exatamente o contrário.” (RIOS MARTINS, 2012, pág. 154).

Alguns membros da Padaria seriam responsáveis por disseminar tais ideias de valorização musical da região do Ceará “Acreditamos que Satyro Alegrete, que se chamava na verdade Sabino Batista, foi um dos músicos responsáveis por propagar essas ideias de rechaçamento do piano para os outros membros da Padaria Espiritual.” (RIOS MARTINS, 2012, p.98) mesmo com a presença dos músicos do grêmio. Observo a contradição da presença de Sarasate Mirim (Henrique Jorge) no grêmio tendo em vista que foi um grande amante de música europeia ao ponto de fundar um conservatório³¹ a fim de moldar e educar os amantes de música nos padrões da cultura francesa (Rios Martins, 2012). A presença contraditória regia uma canção dissonante para os outros padeiros “enquanto os músicos da

30 Artigo 28 do Estatuto da Padaria Espiritual (AZEVEDO, 2011, p. 28)

31 Escola de música ou Conservatório Alberto Nepomuceno

agremiação se dedicavam aos saberes musicais eruditos, os escritores “padeiros” Sabino Batista e Augusto Xavier de Castro defendiam os saberes musicais populares” (RIOS MARTINS, 2012, p.154). As crônicas de Sabino Batista³² foram fundamentais na disseminação de uma ideologia de aversão aos costumes musicais eurocêntricos presentes no cenário regional cearense, vale lembrar que a composição da agremiação ia além da literatura, e segundo seu livro de atas, em certos momentos os mesmos saíram às ruas com instrumentos musicais, com direção aos cafés existentes na região que hoje é o centro de Fortaleza.

Voltando à edição de número cinco do periódico vemos novamente o apoio às tradições populares, porém, dessa vez, nas palavras de Sabino Batista manifestando uma ideia semelhante a de Adolfo Caminha, o que pode sugerir um consenso ideológico entre os escritores³³ da padaria nas suas primeiras edições. Sabino Batista, na crônica “Noite de Festa”, por conta do Natal, as festas eram mais recorrentes no cenário regional, o padeiro lembra e conclama uma volta ao passado, que pudesse libertar as novas práticas festivas no Ceará de influências eurocêntricas.

Para o povo a noite de natal é a maior noite do anno. O povo chama a noite de natal noite de festa porque é no natal que começam todas as festas populares, todas as brincadeiras que nos legara, os nossos avós.

Com que saudade não me recorde eu hoje das festas populares que vão sendo substituídas pelos bailes aristocráticos!...

Antigamente, eram os fandangos, os congos, o bumba-meu-boi e as legendárias pastorinhas que, por toda parte, enchiam de luz e de alegrias a noite de natal: hoje são os bailes da alta sociedade; o povo já não brinca, o povo já não se diverte.

Com que saudade eu não me recorde hoje da minha meninice, quando um mez antes eu começava a ajuntar dinheiro para na noite da festa tomar aluá, beber capilé e comprar traques afim de entreter a noite até que tocasse a missa do gallo³⁴.

Observa-se então que essas primeiras cinco edições, inserem a agremiação em um patamar diferente nas discussões de seu tempo, a valorização da cultura regional, escrita, fauna e flora nacionais desde seu programa de instalação temáticas que voltaram a ter destaque somente trinta anos depois, na Semana de Arte Moderna em São Paulo, proposta pelo movimento modernista. As edições de *O Pão* inseriram a Padaria em um alvo de críticas, tanto para o bem, como para o mal dos ofendidos em suas publicações, com suas críticas venenosas para os costumes “a Padaria incomodou burgueses e autoridades constituídas,

32 Segundo a publicação de Ana Luíza Rios Martins, o padeiro Sabino Batista em uma das crônicas de *O Pão* comentou sobre uma vizinha que tocava insistentemente piano, e isso o irritava.

33 A agremiação não era composta exclusivamente por escritores.

34 *O Pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza, Noite de Festa (Sabino Batista). Ed. 5, 24/12/1892)

chegando a ser vigiada por um delegado presente a várias de suas reuniões” (PONTE, 2001, p.177). O programa de instalação já anunciava a polícia e o clero como pessoas dignas do “desagrado” dos padeiros e suas publicações fizeram jus ao que já havia sido previamente dito.

No primeiro ano de produção de *O Pão*, também estiveram presente diversos versos líricos românticos. Os escritores, com destaque para Antonio Sales ou Moacyr Jurema, também tinham a liberdade de expor seus sentimentos através de artigos, sendo a maioria sem títulos e soltos entre uma coluna e outra. Os padeiros eram bem abrangentes nos seus conteúdos, gerando um jornal para todos os tipos, e que atingia e atacaria de várias formas a sociedade cearense do final do Séc. XIX. A primeira fase também contou com manifestações culturais dos padeiros pela cidade, uma das manifestações aconteceu em Mondubim, onde chegaram a carregar um pão gigante, vestidos com roupas extravagantes e um fundo musical de Alcino Bandolin, sob impulso dionisíaco, os padeiros chamaram a atenção por onde passavam com seus cortejos, registrados em seu livro de atas que hoje está disponível no Instituto do Ceará.

3.2. *O Pão*, a prosa, poesia e seriedade na terra da luz: A segunda fase da Padaria.

A separação em duas fases foi feita por Antonio Sales (AZEVEDO, 2011), e se faz necessária quando temos um contato com a fonte primária, pois o periódico produzido pelos escritores sofreu diversas mudanças de uma fase a outra, dentre elas o tamanho que passou a se assemelhar mais ao jornal *A República* por ter várias colunas e passar a admitir anúncios (Figura 4), durante a segunda fase, geralmente as reuniões, “fornadas”, ocorriam nas casas dos padeiros.

A segunda fase da padaria possuiu algumas “dispensas”, dentre os excluídos temos Adolfo Caminha, um dos nomes importantes para o primeiro momento do grêmio “que nunca morreu de amores pelo grêmio que ajudou a fundar” (AZEVEDO, 2011, pág. 45). A acusação da dispensa seria que Caminha estaria escrevendo contra o grupo no Rio de Janeiro, queixas estas de que a agremiação estaria se tornando algo comum e não a “cousa nova” proposta por Sales em sua instalação, as críticas de Guanabario estão presentes em *Cartas Literárias* (1895).

A Padaria Espiritual, cujo nome hors liyne tão depressa viajou merecendo applausos de toda a imprensa norte-sul, fazendo-se querida até por poetas e escriptores consagrados, a Padaria Espiritual vae decaindo, rolando para o

nível commum. E' hoje uma sociedade litteraria grave, "ajuizada", com uma ponta de officialismo, sem os ideaes doutro tempo, sem aquella orientação nova, sem aquellas audácias que faziam delia um exemplo a imitar, alguma cousa superior a vim rebanho de ovelhas... (CAMINHA, 1895. P. 161)

Tais críticas não passaram despercebidas por pelos padeiros. Pesou também para a exclusão de Caminha, o fato do autor não estar presente na capital cearense, o escritor da coluna Sabatina foi dispensado na reformulação do grêmio.

Figura 4 - Capa da Edição 7 de O Pão, edição esta que abre a segunda fase da agremiação.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Directores - Antonio Galles. Gerente - Sabino Baptista.

Fortaleza, 1.º de Janeiro de 1895

ANNO II | NUM. 7

<p>EXPEDIENTE</p> <p>Assignatura por um trimestre 2\$000 Número avulso 500 Pagamento adiantado.</p> <p>O Pão publicar se-á duas vezes por mês.</p> <p>Le-timos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.</p> <p>Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso Gerente, á rua do Major Facundo n. 4.</p> <p>SESSÃO. — Volrando, A. Botelho; — Pardal Mallet, Valtemiro Cavalcanti; — Ruinas, Manoel Arão; — A morte de ao, Arthur Theophilo; — Per Muzica, Bruno Jay; — A necrose de Claudio, Gabriel de Alencar; — Charcos, X. de Castro; — Portas contemporaneas, José Carlos Junior; — Medallas, Waseyr; — Bibliographia; — Knjfm, Sabino Baptista; — O chistera moribus, Anatólio Gerval; — Choras, Lopes Filho; — Uma reliquia, Pardal Mallet; — Carteira</p>	<p>os que já assignalam a sua trajetoria.</p> <p>Desvanecemos nos em affirmar que a falada indifferença publica não ac tem feito sentir a nosso respeito, e para os nossos concidadãos só temos maisio e muito reconhecimento.</p> <p>Reapparecendo no primeiro dia de um anno em que toda a nossa querida Patria funda tão gratas esperanças, O Pão faz votos para que aos brasileiros em geral e em particular aos seus leitores seja o 1895 o mais propicio e venturoso.</p> <p>Certos de que outro tanto nos desejam, prometemos nada poupar para que o Ceará figure na vanguarda do movimento litterario que presentemente se desenrola no País de par com os generosos esforços para a nossa regeneração politica.</p> <p style="text-align: center;">PARDAL MALLETT</p> <p>O Pão de hoje é amassado com os aljofres de sincero pranto, vertido sobre a campa de um valente confrade que a morte arrebatou em todo vigor da mocidade.</p> <p>Pardal Mallet, cujo brilhante talento illuminava com doiradas fulgurações a imprensa brasileira e cujo espirito integro, inquebrantavel, tinha o brilho das armas polidas em combates ao sol, naufragou em meio á tormenta da vida, e seu corpo foi dar inesperadamente de coladoramente a uma dessas resins:</p>	<p>Declarando guerra de morte á rotina e aos preconceitos da epocha, conseguimos levantar o meio litterario da Academia e imper-ne á consagração de seus collegas e á fuzil dos lentos urgos.</p> <p>Formado em 1886, foi desenvolver as suas clerodias funções antellectuales em meio mais amplo, e qual foi o seu estadio na capital da Republica, podem dizer, melhor que nós, os seus escriptos na imprensa da grande cidade.</p> <p>Advogado e jornalista, mais jornalista do que advogado, Pardal Mallet fixou sua residencia na capital da grande Republica e sem por ter um ponto de vista novo, original, por onde encarar qualquer assumpto batido na clava da imprensa diaria. Polemista, o foi com maculo talento, e sua resposta a Ramalho Ortigão, que se occupou de coiza do Brazil com alevia, quando outros trabalhos seus não lhe valessem, era bastante para distinguir o entre os nossos homenes que tem tido nevres e coragem para vergastar estrangeiros que nos insultam.</p> <p>Republicano da propaganda, sincero e desinte esado, apaixonado pelo generoso ideal de uma patria livre, elle fora politico de principios e um grande inimigo do positivismo armado que ainda h'je manda quebrar typographias e prender jornalistas no Recife.</p> <p>Opposicionista do governo do marchal Floriano, foi alcançado pelas medidas de 10 de Abril e de passagem por aqui na volta do exilio, visitou o forno da Padaria, louvando o espirito de solidariedade que alien-</p>
--	---	---

NOTANDO

Depois de uma ausencia que muitos talvez já considerassem eterna, volta agora O Pão ás pugnas da intelligencia, e volta, como vém, mais crescido, mais circumspecto e mais firme.

Fonte: Site da Biblioteca Nacional, disponível em <ndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 28/10/2016.

A segunda fase não contou apenas com a exclusão de Caminha, outros nomes ficaram na lista de exclusões por diversos motivos. Entre os que não estavam na cidade e viviam pelo país e acabaram dispensados temos Henrique Jorge, Carlos Vítor, Lívio Barreto, José Maria Brígido e Eduardo Sabóia. Por outros motivos saíram Álvaro Martins e Temístocles Machado, a quem foram atribuídos a fundação do Centro Literário em 1894, mesmo ano da reorganização do grêmio. Pouco antes do início da segunda fase, outros padeiros também participaram do Centro. Sobre o desentendimento com a fundação do novo grêmio surgido de dentro da Padaria, Leonardo Mota destaca:

O “Centro Foi fundado a 27 de setembro de 1894. Pois, logo no dia seguinte, a 28, a ‘Padaria’ aprovava as exclusões de Temístocles Machado e de Álvaro Martins, o que me parece dispensar comentários, tão evidente se me afigura que a ‘Padaria’ responsabilizava seus dois antigos companheiros pela fundação do grêmio com o qual ela teria de emular. (MOTA apud AZEVEDO, 2011, pág. 39)

Houve uma reformulação para além dos padeiros, também nas publicações, na forma, e conteúdo do periódico *O Pão*. Novos nomes foram adicionados ao grêmio na segunda fase, a exemplo de Antônio Castro, Rodolfo Teófilo e Antônio Bezerra, todos possuíam pseudônimos que seriam pouco utilizados no jornal durante a segunda fase, que é conhecida por ser mais séria e menos barulhenta e irreverente: “na primeira fase houve mais brincadeira e menos trabalho; na segunda, mais trabalho e menos brincadeira” (AZEVEDO, 2011, pág. 48). Após tais reformulações a nova fase da Padaria seria composta pelos remanescentes da primeira fase, entre estes Antônio Sales e Sabino Batista e mais treze novos nomes³⁵:

- 1) José Carlos Júnior (Bruno Saci)
- 2) Rodolfo Teófilo (Marcos Serrano)
- 3) Almeida Braga (Paulo Giordano)
- 4) Valdemiro Cavalcante (Ivan d’Azof)
- 5) Antônio Bezerra (André Carnaúba)
- 6) José Carvalho (Cariri Braúna)
- 7) X. de Castro (Bento Pesqueiro)
- 8) José Nava (Gil Navarra)
- 9) Roberto de Alencar (Benjamim Cajuí)
- 10) Francisco Ferreira do Vale (Flávio Boicinga)
- 11) Artur Teófilo (Lopo de Mendoza)
- 12) Cabral de Alencar (Abdul Assur)
- 13) Eduardo Sabóia (Brás Tubiba)

Nesta segunda fase, os padeiros tiveram a ambição de produzir o periódico de forma efetiva duas vezes por mês, os valores e a logística mudaram no sentido de que o número avulso passou a custar de forma fixa um valor de 500 rs, tendo a opção de assinatura trimestral. Em seu terceiro ano, havia a opção de assinatura anual no valor de 10000 rs, informações essas eram acompanhadas do título do jornal com o lema da padaria “Amor e Trabalho” que esteve sempre presente na capa e também na bandeira da agremiação exposta no museu oficial do Ceará.

35 A lista dos novos sócios foi retirada do livro “Breve história da Padaria Espiritual” de Sânzio de Azevedo, 2011, p. 38.

Depois de três anos de fome, *O Pão*, o alimento do intelecto cearense, enfim voltou com sua sétima edição, no ano de 1895, logo em sua primeira edição do ano II temos um artigo de nome “Voltando”, que como já propõe o título explica que o jornal estaria regressando “mais crescido, mais circumspecto e mais forte”³⁶. De fato, o jornal havia crescido o seu número de colunas, os pseudônimos também passaram a ser menos usados, ou usados de forma simbólica no sumário.

Interessante o fato da edição vinte e cinco, ainda no ano II possuiu um artigo com o nome de Juvenal Galeno, o mesmo que barrou a “batalha” da agremiação contra o horário de funcionamento da Biblioteca Pública, ainda no seu ano de fundação, o artigo em questão destaca feitos e elogios à aquele que era diretor da biblioteca pública, tornando este um Padeiro-mor honorário naquela edição.

A padaria em sua segunda fase, além de dispensas, teve que lidar com o falecimento de Lívio Barreto, o Lucas Bizarro. No dia 29 de setembro de 1895, a edição de 15 de outubro invés do artigo tradicional "Os quinze dias" escrito por Antonio Sales, trouxe o destaque na capa "Lívio Barreto".

A última edição de *O Pão* foi no seu terceiro ano de produção, 1896, no dia 31 de outubro, vale ressaltar que o fato de ter três anos de produção não faz com que a agremiação possua três fases, tendo em vista a diferença entre o seu ano de fundação, 1892, com as seis primeiras edições e o segundo ano de produção e diante, 1895-1896.

36 *O Pão da Padaria Espiritual*, Voltando (Waldemiro Cavalcanti). Ed 7. 01/01/1895, p. 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Padaria acabou em 1896, Antonio Sales se mudou para a Rio de Janeiro, hoje a importante agremiação se mantém viva em trabalhos acadêmicos, em livros e eventos. A pesquisa da história regional torna-se prazerosa tendo em vista as semelhanças de um passado para com o presente. Nos artigos das primeiras edições de *O Pão*, os padeiros observavam de forma crítica a modernidade proposta pela *Belle Époque*, assim como outros autores também foram críticos em outras partes do Brasil. Para manter vivo o fato histórico desta resistência cabe valorizar a pesquisa da história regional do Ceará, vale salientar que procurei ver a Padaria Espiritual não apenas como um grupo literário e social, e sim como “rapazes de letras e artes” e pessoas diversas: músicos, pintor além de escritores e um cidadão comum. E visualizo à *Belle Époque* como algo bem maior do que as obras que procuravam uma aproximação da capital francesa, vestimentas e palavras francófonas e busco também levar para um ramo cultural, as tradições que foram gradativamente assimiladas, como um reflexo da sociedade.

Como críticos da modernidade e a suposta civilização, a Padaria buscou então uma valorização de uma cultura regional, a 5ª edição *O Pão* trouxe muito bem essa posição contrária à descaracterização que gradativamente as tradições populares estariam sofrendo, a pesquisa se tornaria mais rica com uma maior abordagem quanto as tradições populares do Séc. XIX, a agremiação e seus conflitos internos que marcam o início de sua segunda fase, a exemplo de Adolfo Caminha e Antônio Sales em *Cartas Literárias* (1895), ou as tensões ideológicas não explícitas, como entre os escritores e músicos. Vale lembrar que o pseudônimo de Henrique Jorge não seguia os moldes dos outros, este era um amante da música erudita e optou por Sarasate Mirim, em homenagem a Pablo de Sarasate, músico Espanhol. Tal fato torna-se uma provável voz dissonante na Padaria, os outros pseudônimos partiam de um nacionalismo ou até mesmo de uma irreverência.

Um dos objetivos da Padaria era ser diferente de todas as outras que se fizeram presentes na Terra da Luz, abordar as contradições da agremiação seria um caminho a seguir a pesquisa, mesmo querendo ser a “cousa nova” estes se esbarram no mais do mesmo em alguns aspectos, o de gênero é um deles, talvez teriam sido mais diferentes dos demais com uma das mulheres escritoras do cenário cearense do final do Séc. XIX entre os padeiros do que com textos e posições dissonantes entre os próprios sócios do grêmio. Vale lembrar da

existência destas, conforme o artigo de Valérie Ketterer, nomes como Francisca Clotilde, Emília de Freitas, Ana Nogueira Baptista foram nomes contemporâneos à agremiação.

O maior objetivo deste breve trabalho foi manter viva a pesquisa sobre a agremiação que hoje, como homenagem, seus sócios, levam nomes de ruas e bairros e ruas, ou de seus pesquisadores como é o caso de Leonardo Mota. Não poderia ser diferente, a pesquisa de Leonardo Mota é de grande importância para o tema, a primeira edição de seu livro sobre a agremiação foi impressa quando alguns padeiros ainda estavam em vida, 1938, o que torna mais rica sua produção.

Uma das maiores riquezas da agremiação abordada é o fato desta ser composta por grandes observadores da modernidade na sua região, uma outra abordagem seria uma pesquisa entre outras obras do Séc. XIX que também seriam compostas por artistas dos quais não fossem somente produtores de arte, e sim *homens do mundo* como já definiu Baudelaire.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. **Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural**. Banco do Nordeste, Fortaleza, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

BRITO, Luciana, **A fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX**. Revista Estação Literária. (UENP). Volume 10B, p. 111-125, 2013.

_____. **A Padaria Espiritual e a cidade de Fortaleza no final do século XIX**. Revista Patrimônio e Memória, v. 10, n. 1, p. 110-131, 2014.

BAHIA, Ryanne F. Monteiro. **QUANDO A POBREZA TOMA CORPO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE O CORTIÇO, DE ALUÍZIO AZEVEDO, BALEIA NA REDE – Estudos em Artes e Sociedade**, v. 9, n. 1, 2012.

BEZERRA, Carlos Eduardo. **Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso (2ª Edição)**. Vol. 8. Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2006.

CARDOSO, Gleudson Passos; PONTE, Sebastião Rogério. **Padaria Espiritual – Vários Olhares**. Ed. Armazém da cultura. Fortaleza, 2012.

DA SILVA, Pedro Santos. **Afonso Henriques De Lima Barreto E O Mito Da Identidade Nacional**. Clube de Autores, 2010.

DE AZEVEDO, Sânzio. **Breve história da padaria espiritual**. Edições UFC, Fortaleza, 2011.

FILHO, Cicero João Costa. **Padaria espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)** Dissertação de mestrado (USP) 2007.

JUNIOR, Alvaro Santos Simões. **A “Crônica” de Bilac em *A Bruxa***, Revista da Anpoll n° 38, p. 144-155, Florianópolis, Jan./Jun. 2015

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.

MARQUES, Janote Pires. **A INVISIBILIDADE DO NEGRO NA HISTÓRIA DO CEARÁ E OS DESAFIOS DA LEI 10.639/20031**, Revista Poésis V.7 Ed 12, p.347-366, 2013.

_____. **Autos de Rei Congo em Fortaleza: Uma prática cultural negra na dinâmica socioespacial da cidade (1873-1900)**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana v. 2, n. 4, p. 34-49, São Paulo, 2009.

NEVES, F. C. **Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político**. Trajetos (UFC) v. 6, n.6, p. 113-138, Fortaleza, 2005.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará: Memória, representações e pensamento social (1887-1914)**. Tese de doutorado em História Social - PPGH, PUC-SP. São Paulo, 2001.

PONTE, Sebastião Rogério. **A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle**. Uma nova história do Ceará, v. 2, pág. 163-191, Fundação Demócrito Rocha, Fortaleza, 2007.

PORTO, Denise, **Língua: Suporte de Nossa Cultura**, Disponível em: <http://200.17.141.110/pos/letras/enill/anais_eletronicos/2012/III_ENILL_Denise_Porto.pdf > Acesso 11/04/2016.

RIOS MARTINS, Ana Luíza. **Práticas musicais na “Belle Époque” fortalezense (1888-1920)** Revista de História, v. 4, n. 2 p. 82-106, 2012.

_____. **Músicos e músicas na “belle époque” de Fortaleza (1888-1920)**. Revista NUPEM, v. 4, n. 6, p. 147-161, 2012.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**

SHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

_____. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **“Catirina, minha Nêga, Tão Querendo te Vendê...” Escravidão, tráfico e negócios no Ceará do Séc. XIX (1850-1881) - SECULT/CE**, Fortaleza, 2011.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **AS IDÉIAS EUGÊNICAS NO BRASIL: ciência, raça e projeto nacional no entreguerras**. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012

SOUZA, Simone; CASTRO NEVES, Frederico (Org.). **Intelectuais. Fortaleza** (Coleção Fortaleza: História e Cotidiano) Ed. Demócrito Rocha, Fortaleza, 2002.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. Ed. Demócrito Rocha, Fortaleza, 2002.

VELOSO, Caetano. Sampa. **Muito: Dentro da estrela azulada**, Phillips Records, 1978.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. 1979.

FONTES

CAMINHA, Adolfo. **Cartas Literárias**. Rio de Janeiro, 1895.

Jornal *“O Pão da Padaria Espiritual”* Fortaleza, Ed. 1-36, 1892-1896.

